

**03 ROTA MONÁSTICA :  
PROPOSTA**



## GEOGRAFIA DO CONCELHO

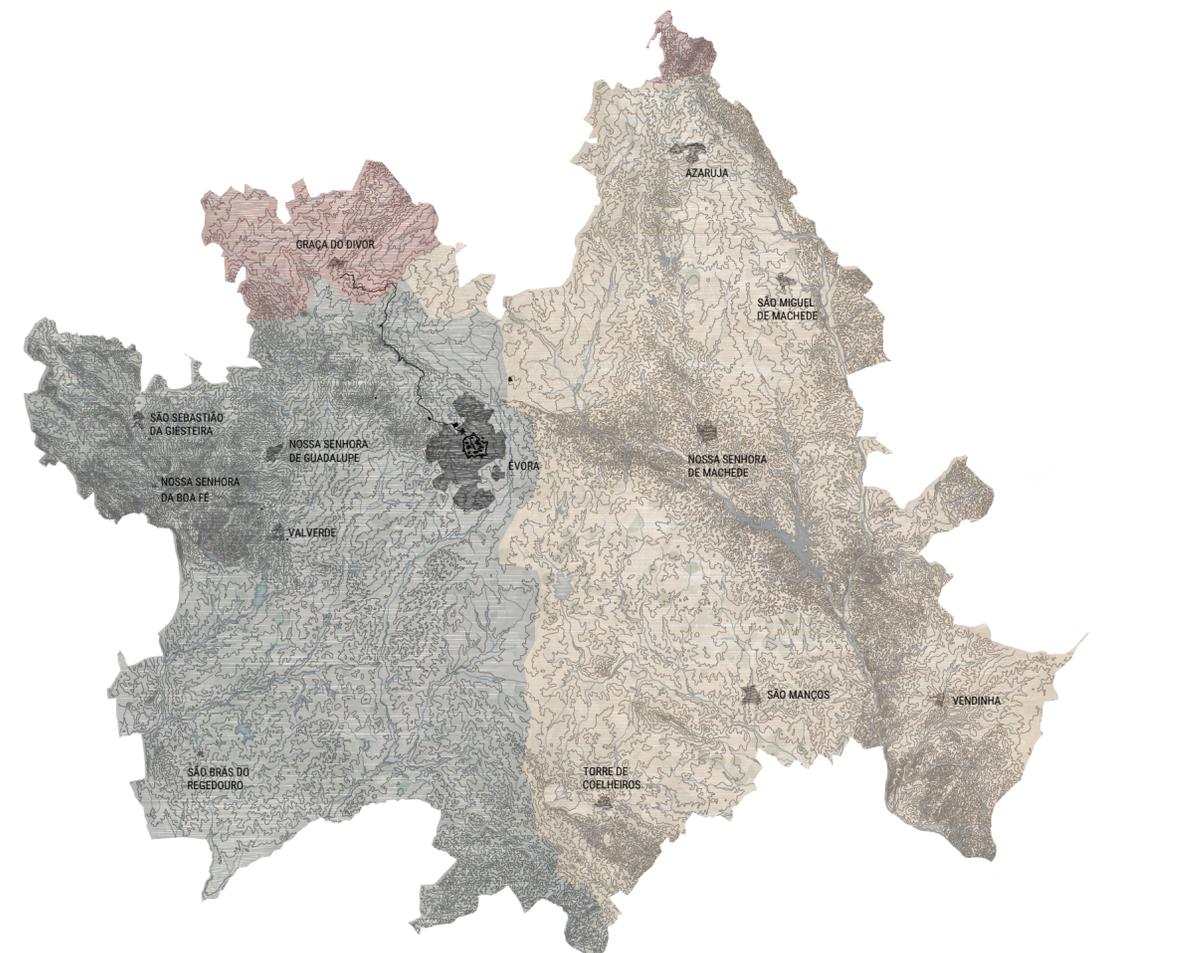
A fisiografia do concelho de Évora é composta por vastas superfícies aplanadas, onde prevalecem amenas ondulações de pequena altitude. Esporadicamente, a planície dá lugar a terrenos acentuados e de cota superior, como nos casos das serras de Monfurado, Montemuro e Morena, ou mesmo o próprio Alto de S. Bento (+368) e a colina vizinha onde se implanta a cidade (+310). Contudo, a média de cotas no restante território oscila entre os 100 e os 300 metros de altitude.

O velho *termo* eborense de que resultou a atual configuração concelhia, beneficiou de uma localização central no contexto da geografia alentejana, “encaixando-se” entre as Serras de Ossa (nordeste) e de Portel (sudeste) e o rio Guadiana (leste). As serras de Monfurado e Montemuro (oeste) e Morena (noroeste), encerram o limite fronteiro deste território. “Este facto transforma a paisagem da região eborense num ponto central nas coordenadas geográficas de um importante território com barreiras naturais visíveis”<sup>01</sup>. Acresce a esta localização privilegiada a proximidade do ponto notável da paisagem onde confluem as três principais bacias hidrográficas do sul: Tejo, Sado e Guadiana. É aqui que se encontra o principal aquífero da região e onde se situa a importante fonte da “Água da Prata”. Assente sobre um antigo maciço, o território municipal é, do ponto de vista geológico, essencialmente terra de ocorrências graníticas e o seu clima apresenta um padrão próprio do mediterrâneo, ou seja, verões quentes e secos e invernos com alguma pluviosidade e temperaturas mais baixas<sup>02</sup>. A paisagem é caracterizada por um sistema antigo de exploração agro-silvo-pastoril, destacando-se o montado de sobre e o azinho, expandindo-se estes em manchas uniformes um pouco por todo este território. Outra característica da região são os campos abertos destinados ao cultivo extensivo de cereais, mais presentes na parte sul do concelho (“campos de Évora”), por contraponto a uma área conhecida na Idade Média por “Coutos de Évora”, onde predominam as *quintãs*, hortas, olivais e vinhas<sup>03</sup>.

<sup>01</sup> Bilou, F. (2005). *O Sistema Viário Antigo na Região de Évora*. Lisboa: Edições Colibri, p.15.

<sup>02</sup> Alcaforado, M.J. e Taborada, J. (1996-97). “O clima de Évora - contrastes térmicos locais”, *A Cidade de Évora*, nº2, 2ª série. Évora: C.M.E., p.507-532.

<sup>03</sup> Beirante, M. A. (1988). *Évora na Idade Média*. Lisboa, p.16.



■ Bacia hidrográfica do Sado ■ Bacia hidrográfica do Guadiana ■ Bacia hidrográfica do Tejo ■ Aglomerados urbanos

0 1 2 5km

## ANTIGA REDE VIÁRIA

“As vias, estruturadas em itinerários de longo curso unindo as zonas periféricas aos mais importantes centros urbanos, constituíram uma das maiores afirmações do poder imperial romano e, paralelamente, corporizaram um dos mais significativos elementos materiais na consolidação da sua política administrativa.

Das suas principais características, duas marcaram, definitivamente, a robustez e funcionalidade que as notabilizaram - a pavimentação com lajes de pedra e a sinalização das distâncias através de marcos miliários”<sup>01</sup>.

Évora, durante a ocupação romana, transformou-se numa importante cidade face à sua posição central e estratégica no território, situada num importante eixo entre os Estuários do Tejo e do Sado. Esta ligação foi ganhando poder económico e cruzava-se com outro itinerário igualmente importante: a ligação a Pax Iulia (Beja). Dado o seu estatuto de município romano, coube a Évora a estruturação da sua rede viária, cujas principais vias a assinalar são:

Ebora- Pax Iulia (Beja)

Ebora- Salacia (Alcácer do Sal); caminho por Valverde

Ebora- Salacia (Alcácer do Sal); caminho por Alcáçovas

Ebora- Emerita (Mérida); caminho por Évoramonte

Ebora- Emerita (Mérida); caminho por Redondo

Ebora- Sellium (Tomar)

Ebora- Scallabis (Santarém)

Ebora- Serpa

Posteriormente, a rede viária árabe e medieval aproveitou muito do legado deixado pelo império romano. Évora continuava a ser uma cidade com uma vida comercial activa, em permanente contacto com diversos polos urbanos.

As vias medievais seriam certamente de grande simplicidade, constituídas por caminhos de pé-posto e utilizando as melhores condições topográficas (linhas de fecho, vales, etc..).

Destacam-se, da época medieval, os seguintes caminhos:

Caminho de Serpa; coincidente com via romana

Caminho de Moura

Caminho de Portel

Caminho de Monsaraz

Caminho de Montoito (Juromenha)

Caminho de Redondo (Elvas e Badajoz); coincidente com via romana em grande parte

Caminho de Evoramonte (Estremoz e Fronteira); coincidente com via romana

Caminho de Avis (Vimieiro)

Caminho de Arraiolos; coincidente com via romana

Caminho de Santarém; coincidente com via romana

Caminho de Montemor

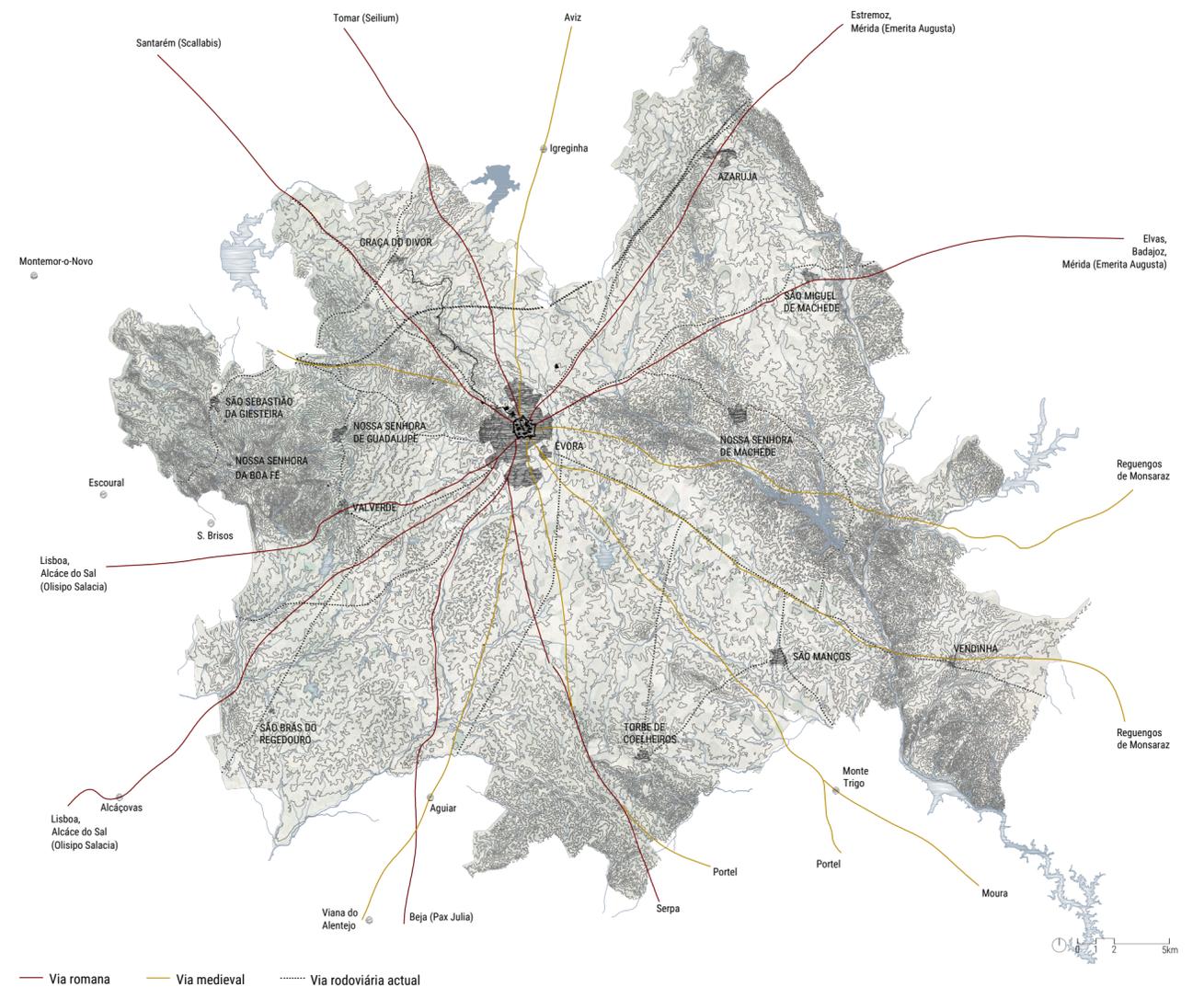
Caminho de Alcácer (comum ao de Lisboa); coincidente com via romana

Caminho de Alcáçovas; coincidente com via romana

Caminho de Beja (comum ao de Viana do Alentejo e Aguiar)

As antigas vias também influenciaram e explicam a implantação dos mosteiros extramuros, na medida que os mesmos se instalaram junto destas vias. No caso de São Bento de Cástris, uma das alas do edifício apresenta uma torção face ao restante edificado que aparenta ter sido moldada pela própria configuração do antigo caminho medieval para Montemor/Lisboa. Mais à frente, junto ao mosteiro de Santa Margarida do Aivado, voltamos a encontrar vestígios desse mesmo caminho.

<sup>01</sup> Bilou, F. (2005). *O Sistema Viário Antigo na Região de Évora*. Lisboa: Edições Colibri, p.17.



## PERCURSOS AMBIENTAIS

São sete os Percursos Ambientais de Évora, que compõem uma diversa rede de itinerários que se estendem desde a cidade até aos limites fronteiriços do concelho, explorando a parte rural do concelho. Estabelecidos sobre caminhos pré-existentes, destinam-se essencialmente a caminhantes e ciclistas e expõe a diversidade natural, cultural e patrimonial da paisagem envolvente, numa extensão superior a 100 km.

**ECOPISTA:** A Ecopista é um percurso ambiental implantado sobre o antigo traçado da linha de caminho de ferro que assegurava a ligação entre Évora e Mora. Tem início no perímetro urbano de Évora, atravessando a cidade e fazendo a ligação até à Sempre Noiva (Graça do Divor) numa extensão de 21km, prosseguindo posteriormente até aos vizinhos concelhos de Arraiolos e Mora, numa extensão total de 60km.

**PERCURSOS DE MONFURADO:** Os Percursos de Monfurado são uma rede de caminhos públicos rurais e municipais, que interligam povoações rurais do concelho, expondo o património da região, sobretudo o megalítico.

Através destes caminhos atravessam-se diferentes tipos de paisagem, algumas integradas no Sítio de Monfurado, classificado pela União Europeia como área da Rede Natura 2000.

**PERCURSO DA ÁGUA DA PRATA:** Percurso paralelo ao traçado do Aqueduto da Água da Prata entre Évora e a Graça do Divor, numa extensão de 18 Km. Ao longo do percurso, é possível contemplar a paisagem envolvente, tipicamente alentejana.

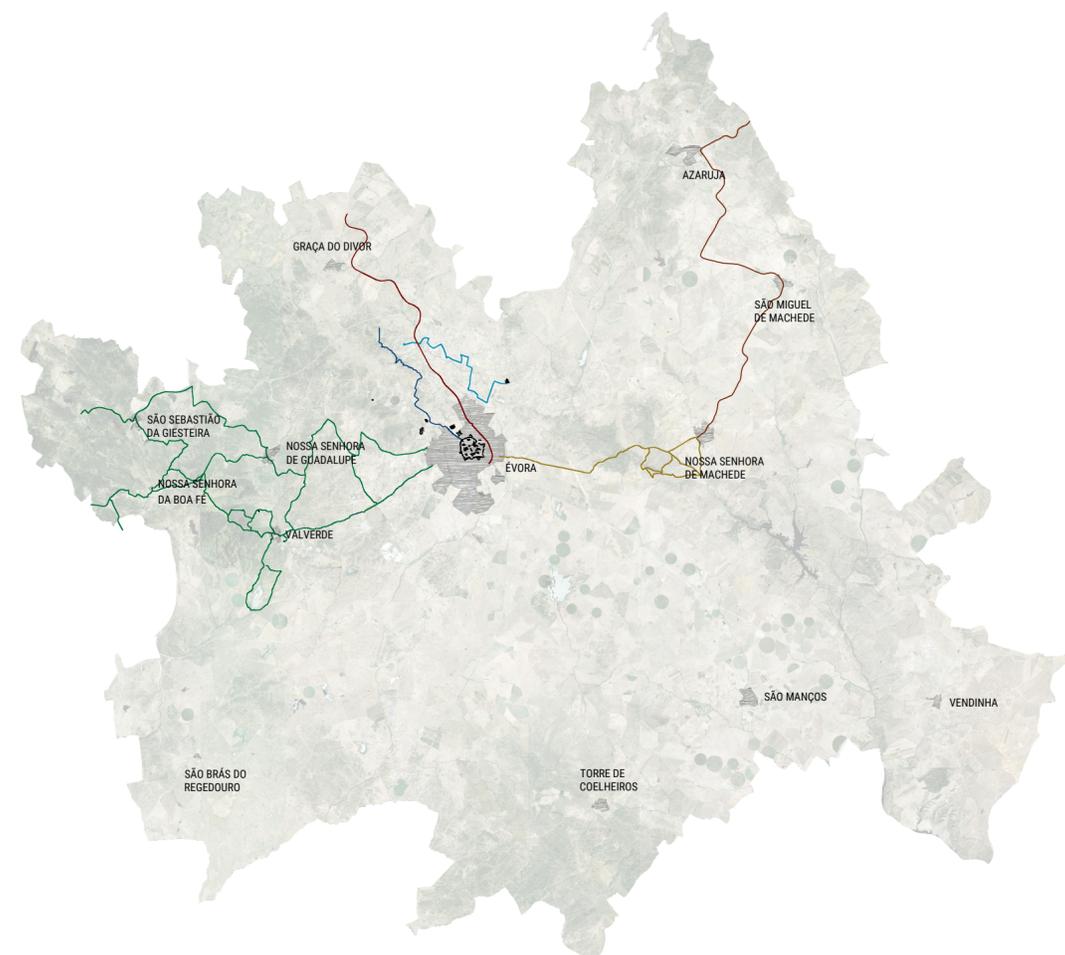
**PERCURSOS DO ALTO DE SÃO BENTO:** Percursos situados no imponente maciço granítico do Alto de S. Bento, um miradouro natural da cidade, repleto de riquezas naturais e paisagísticas.

**CAMINHOS DO DEGEBE:** Percursos pedestres que têm início na cidade de Évora e avançam no território em direção ao Rio Degebe, junto à povoação de Nossa Senhora de Machede. Parte deste percurso é feito pelo antigo caminho medieval de Montoito.

**CAMINHOS DA MISSA:** O "Caminho da Missa" é um antigo percurso rural que ligava os principais centros de culto religioso da zona das «quintas» a norte da cidade - Sr. dos Afritos, S. Roque e N.ª Sr.ª do Espinheiro. Parcialmente desarticulado ao longo tempo, alguns troços antigos foram recuperados de modo a reconstituir o percurso original da forma mais fiel possível.

Este percurso, com cerca de 10km de extensão, atravessa uma área de quintas, historicamente associada ao fornecimento de produtos hortícolas à cidade de Évora.

**VIA PORTUGAL NASCENTE - CAMINHO DE SANTIAGO:** O percurso "Via Portugal Nascente, do Caminho de Santiago", é um recente percurso de peregrinação até Santiago de Compostela (Espanha) como uma extensão de 390 quilómetros. O seu início toma lugar em Tavira, no Algarve, terminando em Trancoso. Uma das suas etapas passa por Évora, ligando a cidade até Évora-Monte. Este percurso tem um traçado coincidente ao percurso "Caminhos do Degebe" entre Évora e Nossa Senhora de Machede.



🕒 0 1 2 5km  
— Ecopista — Percursos de Monfurado — Percurso da Água da Prata — Percursos do Alto de São Bento — Caminhos do Degebe — Caminhos da Missa — Caminhos de Santiago

## ROTA MONÁSTICA : UMA PROPOSTA

A rota monástica é o resultado de uma proposta de valorização do património, com o objectivo de resgatar a memória de mosteiros que caíram no esquecimento da população, alguns deles sendo mesmo desconhecidos. Sem propor novos troços, a proposta da rota teve o cuidado de aproveitar e servir-se de fragmentos de diversos percursos ambientais de Évora, de antigos caminhos, e caminhos de pé posto existentes, respeitando e enfatizando o património natural de modo a evitar alterações no meio ambiente. Por essa razão, a rota percorre o território da rede monástica de Évora, em contexto natural e urbano, num circuito contínuo através de pré-existências.

O percurso é dividido em dois momentos:

**percurso intramuros:** feito na cidade através das principais artérias revelando os mosteiros intramuros. Esta parte do percurso ganha importância, na medida em que explora mosteiros que se encontram actualmente devolutos em contraste com a exposição dos mosteiros que foram reabilitados e são utilizados para os mais diversos usos desde público a privado.

**percurso extramuros:** avança para zonas periurbanas e rurais de modo a contemplar os mosteiros do ermo por três percursos diferentes: 1- caminho feito até ao Mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro através da estrada para Estremoz, que assenta no antigo caminho para Estremoz; 2- caminho feito desde a Porta da Lagoa até ao Mosteiro de Santa Margarida do Aivado, passando pelas ruínas do primitivo Mosteiro do Carmo, Mosteiro de Santo António da Piedade, Mosteiro da Cartuxa e Mosteiro de São Bento de Cástris. Grande parte do trajecto é feito pelo antigo caminho medieval de Montemor, evocando também essa memória. 3- caminho feito até Valverde, lugar onde se encontram os mosteiros de Bom Jesus e Santa Catarina de Montemuro. Este trajecto assenta em algumas pré-existências do antigo caminho romano para Alcácer do Sal.

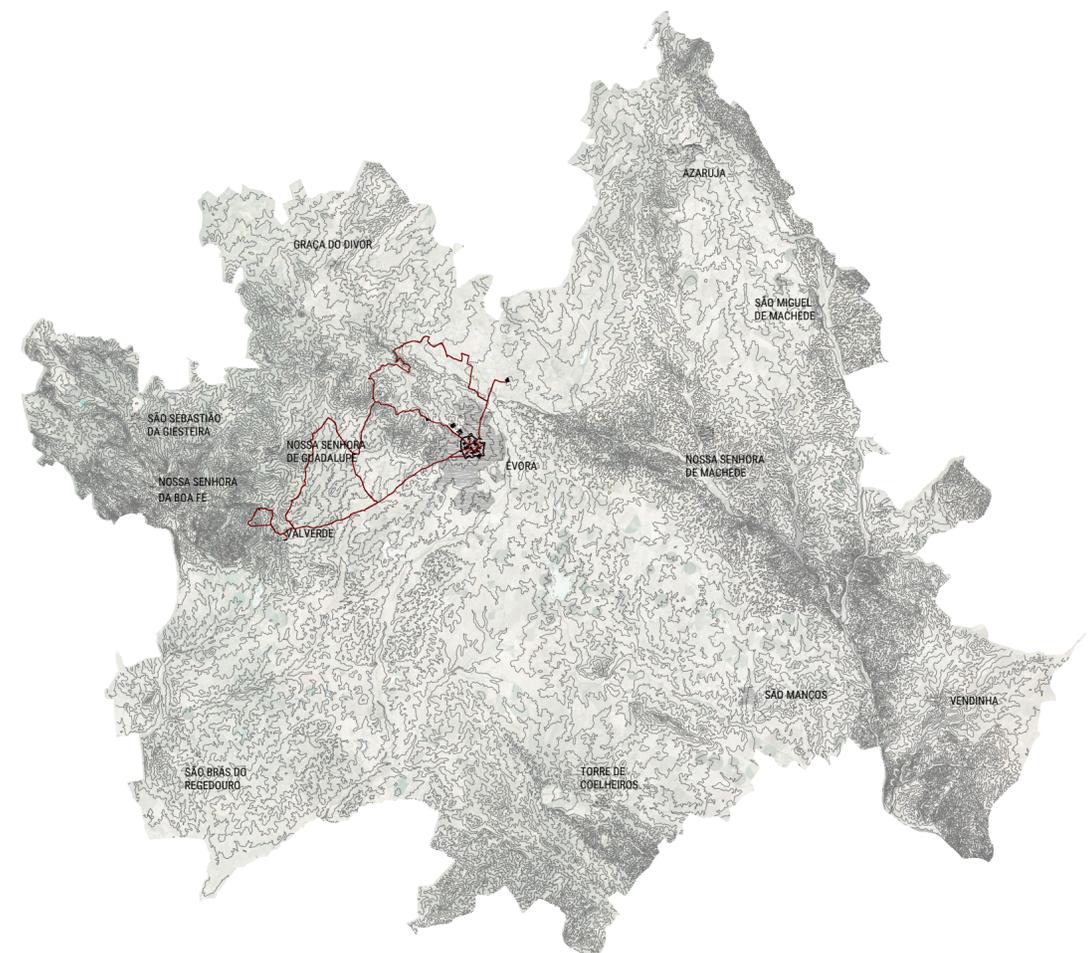
Estas três articulações, são ligadas através de inúmeras ramificações também elas com valor histórico, como no caso do trajecto que circunda Santa Catarina de Montemuro, em Valverde, que se trata de um antigo caminho que ligava aquele pequeno mosteiro a outra provença em S. Brissos, pelas cotas altas da Serra Pedrosa/Montemuro. Do percurso, de

que já pouco resta, subsiste, por algumas centenas de metros, o registo do primitivo "corte" no terreno (trincheira) e o empedrado rudimentar. Outro exemplo é a utilização do *Caminho da Missa*, utilizado nesta proposta para ligar o Mosteiro de Santa Maria do Espinheiro.

A rota monástica ao longo de vários percursos e trajectos numa extensão de 60km, permite (re)visitar os vinte e um mosteiros que formam a rede monástica, bem como percorrer um vasto território. A rota define alguns percursos principais que não se limitam apenas a eles, graças às ramificações que enunciadas numa escala aproximada proporcionam ao caminhante inúmeras possibilidades e alternativas de percorrer esta paisagem, através da escolha do percurso, da sua direcção, distância e ambiente.

Além do principal objectivo de formar um percurso que possa interligar o património monástico de Évora, a rota releva também o património de várias épocas bem como o património natural eborense, conferindo diversas vivências ao caminhante pelo constante contacto com a paisagem, esta por sua vez em constante mudança proporcionando diferentes cenários ao longo do ano.

A rota monástica além da valência de percorrer o território compromete-se a pontuar o território. Através de momentos estratégicos de paragem e contemplação ao longo da rota, estas pontuais intervenções procuram responder às necessidades do vasto percurso melhorando a experiência do caminhante.



0 1 2 5km

## PERCORRER O TERRITÓRIO

### Percorrer a paisagem como ato de contemplação

O prazer de caminhar como forma de contemplação está intrinsecamente relacionado com o confronto com a singularidade da paisagem, esta em constante transformação.

O conceito de "viagem", e naturalmente de "descoberta", conheceu diversas interpretações desde a Antiguidade até aos nossos dias: inicialmente por impulsos nómadas de sobrevivência, logo de exploração e conquista, e por fim como forma de curiosidade, como enriquecimento cultural e até como expressão lúdica.

Se o barco, o comboio e o automóvel foram, historicamente e por esta sequência, os meios de transporte mais eficazes na materialização desse conceito de viagem, hoje em dia a deslocação pedonal tem vindo a ganhar um maior protagonismo, sobretudo por questões de bem-estar físico, factor que lhe é inerente e à indiscutível sustentabilidade ecológica.

### Percorrer a paisagem como ato de transformação

Um determinado território ao ser percorrido está a ser também "transformado" pela presença de quem o percorre. Só esse processo de apropriação do espaço permite conferir veracidade e identidade dos valores que lhe estão subjacentes, talvez pelo facto, de resto muito humano, do conseqüente gesto de apropriação e domínio.

Como explica a este propósito Careri (2002): "O caminhar, mesmo não sendo a construção física de um espaço, implica uma transformação do lugar e dos seus significados. A presença física do homem num espaço não mapeado - e o variar das percepções que daí ele recebe ao atravessá-lo - é uma forma de transformação da paisagem que, embora não deixe sinais tangíveis, modifica culturalmente o significado do espaço e, conseqüentemente, o espaço em si, transformando-o em lugar".

A deterioração e o abandono do património construído, por outro lado, é uma realidade cada vez mais presente. Atualmente, a importância da reabilitação e salvaguarda dos centros históricos tem vindo a impor-se à consciência coletiva. Contudo, as paisagens, os lugares e os edifícios de valor patrimonial dispersos pelo território rural, porque

distante e mal compreendidos, encontram-se em risco de esquecimento.

A exploração de território sob a forma de *rota* é uma estratégia que tem vindo a ser desenvolvida também como um processo de ordenamento. As rotas procuram explorar territórios que, de alguma forma, são caracterizados pelos seus múltiplos pontos de interesse, partindo das cidades e conduzindo os caminhantes através de caminhos rurais desconhecidos. Só esse facto potencia a curiosidade e a exploração e, desse modo, ajudam grandemente a fortificar o conhecimento. Processo singular que obriga "chegar a pé, percorrer os caminhos velhos, sentir a geografia física e humana, perceber a envolvente. Ver ao longe e fazer uma aproximação lenta"<sup>01</sup>.

<sup>01</sup> Alves Costa, A. (2017). *Introdução ao Estudo da História da Arquitectura Portuguesa*. Porto: FAUP - Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, p. 49.



125 Walking a line in Peru, Richard Long

## REFERÊNCIAS

O acto de percorrer e contemplar o território inspirou diversos artistas e arquitectos para intervenções numa escala territorial.

Artistas como Carl Andre, Richard Long, Richard Serra, Christo e Jeanne-Claude, enquadrados no conceito de "land art", operaram diversos trabalhos em ambientes naturais e isolados, na procura de promover vivências amplificadas da paisagem natural e paralelamente expor as problemáticas questões dos meios urbanos. Os dispositivos/instalações por eles criados são assim catalisadores de novas sensações, experiências e descobertas. Entre os vários tipos de intervenção, destaca-se o percurso, que relativiza a experiência da paisagem a partir do acto de caminhar, do contacto puro entre o Homem e a Natureza.

**RICHARD LONG:** Para Richard Long o acto de caminhar é a base do seu trabalho. O artista desafia o conceito de escultura transportando-a do museu para a natureza e vice-versa.

"A Line Made by Walking", obra que data de 1967, foi o ponto de partida para que Richard Long chegasse à conclusão de que o simples processo de caminhar se tratava de conceber arte. Como o título da obra indica, o trabalho é o resultado de um percurso repetido sobre uma linha imaginária, até essa linha ser visível no solo. Richard Long fotografa posteriormente essa marca na paisagem, e o resultado é uma imagem que resume a experiência vivida.

**RICHARD SERRA:** "Shift", um trabalho realizado entre 1970 e 1972, trata-se de um conjunto de peças de betão "serpenteadas", instaladas com variações de altura sobre a topografia natural de um terreno no sul do Canadá. Os limites da obra foram definidos pela distância máxima pela qual duas pessoas se colocam em lados opostos do lugar antes de perderem o contacto visual.

### CARL ANDRE:

A obra "Secant", criada em 1977 e instalada nos terrenos do Nassau Country Art Museum, era em perspectiva uma linha de madeira. O trabalho "Secant" enfatiza a exploração, actuando através da escultura horizontal, tanto como um caminho para o

espectador, bem como uma forma de fortalecer o conceito de "lugar".

**CHRISTO E JEANNE-CLAUDE:** Segundo a dupla a "Running Fence" é um trabalho artístico que excede a instalação. Contando com 39.4km de tecido e três anos de preparação, apesar da sua rápida remoção ao fim de catorze dias, esta obra persistiu no tempo. Ao longo da paisagem do Norte da Califórnia, o tecido da Running Fence, dando forma ao vento, adaptou-se topografia e à diversidade do território, passando pelas colinas até ao mar.

Estas obras foram concebidas com base na percepção do lugar a partir do acto de caminhar, de percorrer o território. Estimulando inúmeras sensações, realçando o olhar e o percurso a partir da instalação de peças, é criada uma leitura diferente e única da paisagem natural ao ser pontualmente transformada.

Estes trabalhos ilustram formas de interagir com a paisagem, de a viver e de a transformar, sem a comprometer. Pelo contrário, estas obras valorizam a paisagem e adicionam experiências ao percorrer o território.



124 A line made by walking, Richard Long



127 Shift, Richard Serra



128 Secant, Carl Andre



129 Running Fence, Christo Jeanne-Claude

## PONTUAR O TERRITÓRIO

"Na escala da paisagem ou do pequeno edifício o desafio está lançado. Formalizar, através da organização do espaço-território, a expressão do pensamento e do conhecimento adquirido. Tornar o património inteligível, questionar, tecer ligações, abri-lo a diferentes leituras, estabelecer uma mediação entre os vestígios materiais e a curiosidade e expectativas do presente"<sup>01</sup>.

Desde tempos recuados que existe acção antrópica sobre o território. Além das que marcam historicamente a intervenção agrária na paisagem, há também o caso concreto das torres militares como marcos na paisagem, aqui numa função de vigilância avançada dos inimigos, assegurando a protecção de cidades e territórios. Longe dessa necessidade de defesa, mas sem perder a sua função primordial, ainda hoje são habituais torres de vigia e observação (por exemplo no combate aos incêndios) e faróis. Por isso, pontuar percursos terrestres com intervenções de pequena escala, são procedimentos comuns na estratégia de preservação e valorização da paisagem, de que existem bons exemplos espalhados pelo mundo.

O objetivo destas intervenções é, por um lado, humanizar a paisagem através de áreas de paragem/descanso, pontes e miradouros ou centros informativos/interpretativos, parques de estacionamento ou instalações sanitárias, por outro, a revitalização da paisagem cultural, recuperando a identidade e a memória dos lugares sobre a forma de um percurso, como aqui se propõe.

<sup>01</sup> Calvete, M. (2013). *Itinerâncias e Percursos da Memória. Desenho que suporte a relação entre património, território e paisagem*. Tese de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Arquitectura Universidade de Lisboa, p. 41.



130 East-West/West-East, Richard Serra

## REFERÊNCIAS: INHABITING HIGHEST IN THE ANDES

Edgard Alfredo Torres Torres, Rodolfo Alejandro Cespedes Muñoz, Jonathan Alexander Mendez Osorio

El Campanario trata-se de uma área nos Andes (Chile), localizada ao longo da rota internacional, que liga o Chile e a Argentina através da fronteira de Pehuenche. Esta rota, de enorme potencial, abre-se apenas esporadicamente ao turismo. Os poucos habitantes que estão lá há décadas têm como recursos a água e a erva, na primavera e no verão. Ao lado do rio, a quatro quilômetros da estrada, fica uma nascente de água quente chamada Baños del Campanario, cujas poças são moldadas pela água do rio todos os anos depois da neve derreter, dando forma a várias pequenas poças de água mineral com propriedades medicinais. Apesar das suas qualidades, esta paisagem avassaladora carecia de infraestruturas adequadas para a escala e a função de quem a utiliza. Ao longo de um antigo caminho usado para mover o gado através das montanhas, três intervenções foram então construídas sobre esta paisagem, coexistindo num raio de cinco quilômetros. Pela sua simplicidade e pragmatismo, as intervenções ao longo deste território foram nomeadas de “linha”, “traço” e “sombra”.

### The line - A linha

A *linha* é uma plataforma de observação localizada perto da estrada, que abre a vista para o amplo Vale do Campanario, ladeado por picos e vulcões.

### The trace - O traço

O *traço* com localização junto à margem do rio, define-se como uma infra-estrutura, composta por muros simples. A intervenção mínima e, porém, essencial ao banho termal, garante um momento de descanso e um espaço onde as pessoas se possam secar confortavelmente afastadas do solo.

### The shadow - A sombra

A *sombra* é um abrigo construído em madeira, serrada à mão, no sopé da montanha, junto ao rio. Esta peça fornece um espaço de pausa e de descanso para os visitantes e para os habitantes locais, podendo vigiar o seu gado, e simultaneamente passar a noite.



131 The line



132 The trace



133 The shadow

## REFERÊNCIAS: THE 18 SCENIC ROUTES

Nos últimos anos, a arquitectura e o design noruegueses atingiram o seu apogeu. Tirando partido da natureza e intervindo na paisagem de 18 estradas seleccionadas, esta rede de intervenções foi concebida não para obstruir, mas para valorizar, melhorar e permitir novas experiências.

As 18 Rotas Cénicas, tratam-se de Rotas Turísticas Nacionais, que abrangem as regiões oeste, central e norte do país, do litoral às montanhas. Ao todo, estes caminhos cobrem 2.136 quilómetros, num projecto que levou 20 anos a ser concretizado.

Vários arquitectos e designers não só noruegueses como também de outras nacionalidades, contribuíram para o projecto: Snøhetta, Reiulf Ramstad Arkitekter, Jensen & Skodvin e Carl-Viggo Hølmebakk, Louise Bourgeois e Peter Zumthor.

Das várias intervenções, destacamos as seguintes:

### Mirador Aurland | Saunders Architecture

Diante de uma envolvente natural impressionante, os arquitectos decidiram intervir o mínimo possível no terreno. A proposta pretendeu ser minimalista e complementar a paisagem, através de um miradouro que se lança sobre a envolvente. A estrutura trata-se de uma espécie de ponte com 9m de altura, 4m de largura e 30m de comprimento. A sua intenção de criar um ambiente de aventura e drama, potencia a experiência de andar sobre uma ponte que aparenta terminar num penhasco, ao curvar para baixo.

### Mirador de Trollstigen | Reiulf Ramstad Architects

Os caminhos serpenteados conduzem os visitantes a plataformas de observação situadas no alto das montanhas norueguesas. Este mirador é composto por um bloco de betão angular e aço cortén, tratando-se da extremidade de um longo percurso que desce através de degraus até este local deslumbrante, lançando os visitantes sobre a paisagem em suspenso. O projecto, é um dos cinco ao longo desta rota turística conhecida por Trollstigen ou "escada dos trolls" e tem a assinatura de Reiulf Ramstad.

### Museu da Mineração Allmannajuvet | Peter Zumthor

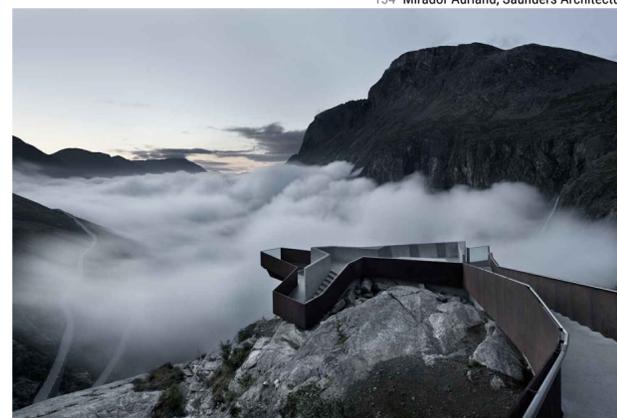
Em 2002, o arquitecto Peter Zumthor, projectou um conjunto de intervenções num antigo complexo de minas de zinco, abandonado a partir do final do século XIX, com a finalidade de acolher os visitantes e resgatar a história e a memória da mineração de Sauda. As edificações, simples, inspiram-se nas antigas vivências ligadas à indústria do minério, no trabalho árduo e na vida quotidiana esgotante dos trabalhadores. O conjunto consiste num espaço museológico, com programa associado: uma cafetaria, sanitários, estacionamento, trilhos e escadas.

### Mirador Sohlbergplassen | Carl-Viggo Hølmebakk

O lugar é fortemente caracterizado pela relação entre a densidade do bosque de pinheiros e as montanhas distantes. Essa relação converteu-se no ponto de partida para definir a geometria e a estrutura do miradouro. Uma das premissas deste projecto era a intenção de não cortar nenhuma árvore do local, nem as danificar, e por essa razão a intervenção contorna os troncos sem nunca lhes tocar, de forma orgânica, adaptando-se à natureza do lugar. O percurso entre pinheiros é uma intervenção que parece pairar, estando apenas estruturada em discretos pilares, delicada e estrategicamente posicionados. O pavimento com uma ligeira inclinação, quase imperceptível em direção ao lago, proporcionado ao visitante uma subtil sensação de ser impulsionado em direção à paisagem.



134 Mirador Aurland, Saunders Architecture



135 Mirador de Trollstigen, Reiulf Ramstad Architects



136 Museu da Mineração Allmannajuvet, Peter Zumthor



137 Mirador Sohlbergplassen, Carl-Viggo Hølmebakk

## REFERÊNCIAS: RUTA DEL PEREGRINO

Anualmente, no decorrer da Semana Santa na Páscoa, mais de dois milhões de peregrinos percorrem um caminho com cerca de uma centena de quilómetros perto de Guadalajara, no México. Os municípios vizinhos tomaram a decisão de implantar ao longo do percurso, equipamentos destinados aos peregrinos.

Foi então que as entidades responsáveis pelo turismo local, encarregaram um conjunto de projectos a um grupo de arquitectos: Ai Weiwei (Design FAKE), Luis Aldrete, Christ & Gantenbein, DellekampArquitectos, Elemental, Godoylab, HHFarchitects, Periférica e Tatiana Bilbao.

Os projectos são estruturas simples que permanecem abandonadas durante grande parte do ano e envelhecerão como parte da paisagem. As intervenções adequadas às necessidades dos peregrinos são protagonizadas por estruturas abstractas que marcam e pontuam a paisagem. Os programas variam entre momentos de descanso e paragem, de abrigo e de reunião, a espaços com água, a instalações sanitárias, a refúgios espirituais, a miradouros.

Das várias intervenções, destacamos como referências as seguintes:

### Torre mirante do Cerro del Obispo | Christ & Gantenbein

Esta intervenção, conhecida como *coluna dos peregrinos* fica localizada no pico do Cerro del Obispo, uma montanha com altura de quase 2.000 metros. Eleva-se na paisagem acima do vale de Ameca como uma monolítica construção em betão, de forma orgânica. A torre de 26,55 metros, pode ser acedida por um dos lados, através de uma pequena entrada. No seu interior, uma vivência introspectiva aguarda o visitante e através da luz proveniente da abertura. A obra define um marco que é visível ao longe para quem se aproximam do local. O ambiente dentro da coluna, formado pela parede contorcida, é simplesmente uma vista para o céu, que se manifesta através de arquitetura.

### Santuário Estanzuela | Ai Wei Wei (FAKE Design)

Esta estrutura, que nasce da paisagem, cruza o caminho existente, formando uma linha que ao redireccionar os visitantes e os encaminha ao percorrer o miradouro e a

experíenciar um momento de contemplação sobre a envolvente. Imergindo da terra, eleva o visitante aproveitando uma cota superior num espaço de miradouro sobranceiro. A estrutura forma um banco contínuo que se estende ao longo do comprimento das paredes limitrofes criando um momento de paragem, previligiando sensações de abrigo e abertura ao longo do eixo único.

### Santuário circular | Dellekamp + Periférica

O santuário circular tem uma única abertura que serve de entrada aos visitantes, sendo também acedido por baixo onde o terreno desce e o limite do círculo "flutua". A sua forma circular é um símbolo universal de unidade, um significado que transcende culturas, fronteiras e idiomas. Esta figura aparece ao longo do tempo nos rituais e representações religiosas, evocando simultaneamente um ciclo, uma jornada sem fim que simboliza a fé dos peregrinos. A estrutura oferece um lugar de introspecção, um momento para os peregrinos reflectirem o passado da sua jornada, antes de prosseguirem o caminho.

### Miradouro das Cruzes | Elemental

Construída numa zona de grande altitude, esta estrutura apoiada no terreno recebe os visitantes e encaminha-os para um momento cuja intervenção se desenvolve de forma parcialmente suspensa. No seu ponto de inflexão, o pavilhão de betão providencia aos visitantes uma visão emoldurada da paisagem, com vista previligiada sobre a envolvente a par com valências de abrigo e momento de pausa.



138 | 139 Torre mirante do Cerro del Obispo, Christ & Gantenbein



140 | 141 Santuário Estanzuela, Ai Wei Wei (FAKE Design)



142 | 143 | 144 Santuário circular, Dellekamp + Periférica

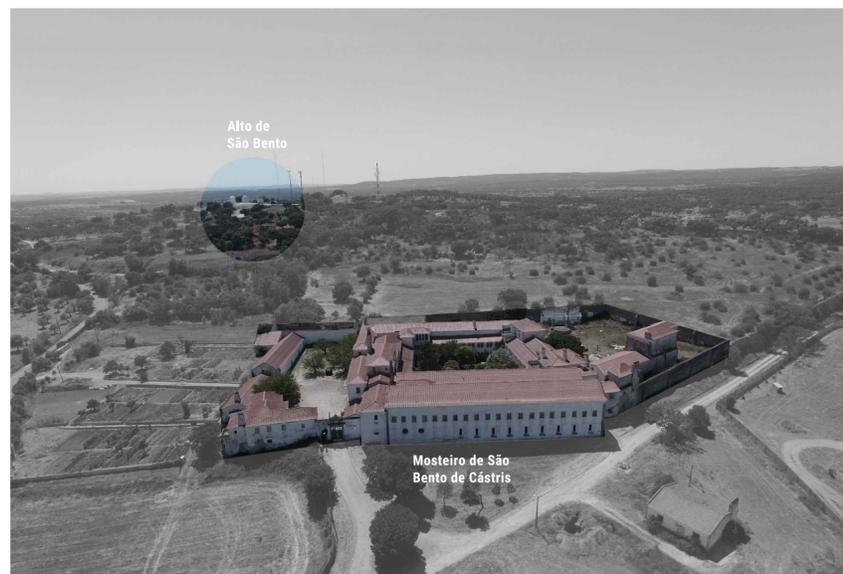


145 | 146 Miradouro das Cruzes, Elemental

## ESCOLHA DO LUGAR

### ALTO DE SÃO BENTO

Mais conhecido pelos eborenses como miradouro, o Alto S. Bento encontra-se a cerca de três km's a norte da cidade, num colina proeminente a 360 m de altitude, reconhecido como um património cultural e natural do máximo interesse, que privilegia uma vista ampla sobre Évora. Do ponto de vista histórico e arqueológico o Alto de S. Bento é igualmente um ponto notável da paisagem, desde logo por ter sido um vasto assentamento pré-histórico com vestígios sobretudo da época do Neolítico Final - Calcolítico; depois porque nele existiu uma atalaia que a documentação medieval regista e as notícias oitocentistas de Gabriel Pereira ainda comprovam. Esta atalaia terá sido fundamental, pela sua localização estratégica, na conquista de Évora por Giraldo Sem Pavor em 1165; de resto sabe-se que esta atalaia, conjuntamente com a do Espinheiro, fazia parte de uma cintura de defesa da cidade durante a época da Reconquista. Estes vestígios enfatizam o lugar estratégico que, dadas as suas condições geográficas, permite a contemplação dominante do território envolvente e sobretudo da cidade, revelando as imponentes volumetrias de dezoito mosteiros pertencentes à rede monástica.



147 Vista aérea sobre o Mosteiro de São Bento de Cástris e Alto de São Bento

### VALE DO AIVADO | BARRAGEM DO ALEMÃO

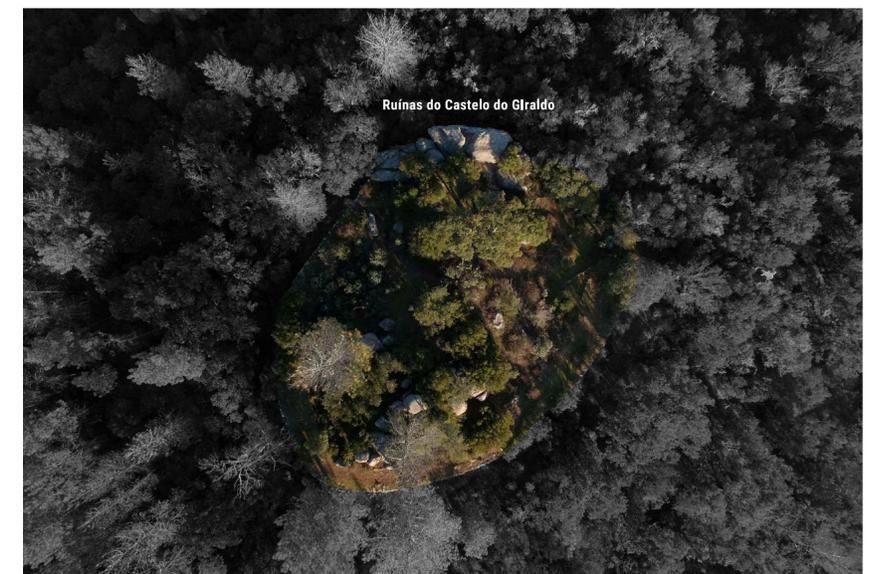
O vale do Aivado é um lugar pitoresco, situado a cerca de 5km's da cidade, caracterizado não só pela presença mosteiro de Santa Margarida do Aivado, mas também pela presença de vestígios da antiga estrada medieval para Montemor/Lisboa. O território do Aivado remonta ao período da Idade Média quando era contornado a nascente pela antiga estrada de Santarém que cruzava uma extensa zona de pinhal. Neste lugar distante da urbe terminava a zona das vinhas de Évora como o recorda o topónimo quinhentista "cabo das vinhas". Fortalece a antiguidade deste território a capelinha rural de Santa Catarina do Aivado, já muito adulterada e despojada de recheio sacro, mas que ainda revela os restos da decoração parietal quatrocentista a fresco. Inserida no Vale do Aivado, a barragem do Alemão é um pequeno lago artificial criado para abastecer uma exploração agrícola vizinha que confere ao lugar um momento de frescura, de paragem e de contemplação. Este vale com as características morfológicas inerentes e as qualidades históricas permite não só o contacto visual, como uma relação de proximidade com o Mosteiro homónimo.



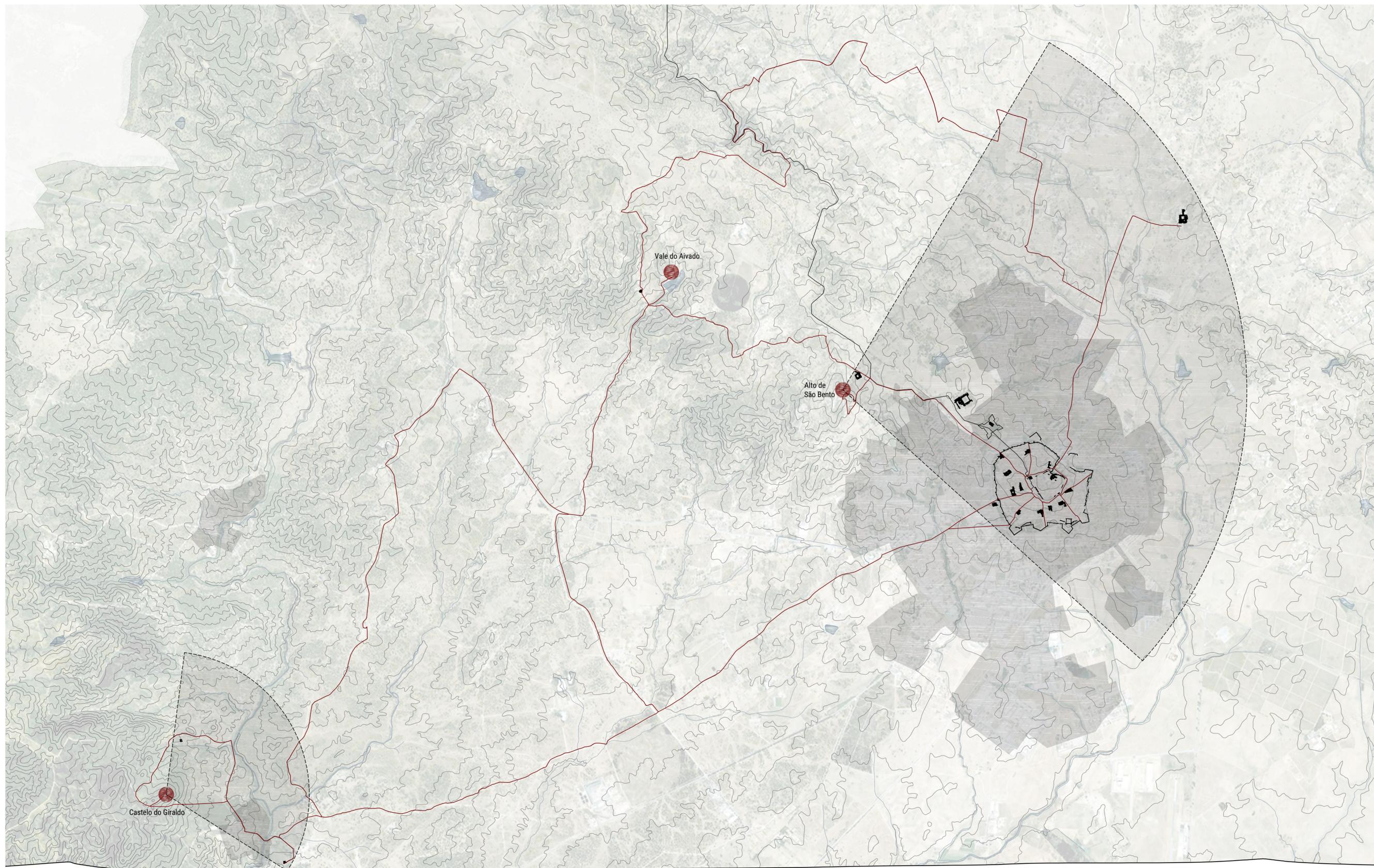
148 Vista aérea sobre o vale do Aivado: Mosteiro de Santa Margarida do Aivado e barragem do Alemão

### CASTELO DO GIRALDO

Numa elevação acentuada da Serra de Monfurado, na cota de 334 metros, com vista dominante sobre a envolvente encontra-se o Castelo do Giraldo. A sua excepcional localização a 10km de Évora permite, pelas suas condições geográficas, uma ampla e privilegiada vista sobre o território do concelho, sobre a paisagem protagonizada pelos vales mais próximos e pela cidade. As vantagens deste ponto estratégico foram desde cedo reinvincadas. A ocupação deste lugar remonta ao final do Neolítico, sendo a primeira muralha datada do início do Calcolítico, e vestígios materiais confirmam a ocupação nos finais da Idade do Ferro. Após um longo período de abandono, o povoado só voltaria a testemunhar ocupação na Baixa Idade Média, altura em que foi construída a muralha interior. A designação de "Castelo do Giraldo" está associada ao nobre Giraldo, Sem Pavor, que terá utilizado o espaço como refúgio e ponto estratégico de preparação na tomada de Évora, em 1165. Este lugar, para além das valências anteriormente nomeadas, permite a relação visual com os mosteiros do Bom Jesus de Valverde e de Santa Catarina de Montemuro.



149 Vista aérea sobre o Castelo do Giraldo



Castelo do Giraldo

Vale do Aivado

Alto de São Bento

Mosteiros
  Rota monástica
  Intervenções
  Relação visual com mosteiros



## ESTRATÉGIA

A estratégia da rota monástica, assenta na criação de um percurso pontuado por intervenções estratégicas que procuram melhorar as experiências vividas pelos visitantes, sendo aliás experiências ancestrais do ser humano: percorrer e observar o território, e abrigar-se.

As características morfológicas e topográficas, responsáveis pela escolha dos lugares são aspectos estratégicos para intervir na rota. Estes momentos funcionam como pontos de pausa e contemplação no percurso proposto.

Os lugares do Alto de São Bento e do Castelo do Giraldo assumem-se com o estatuto de miradouros naturais, enquanto o vale do Aivado se trata de um lugar de ermo.

O **Alto de São Bento** permite uma ampla visão sobre o território, sobre a cidade de Évora, e particularmente sobre os mosteiros intramuros bem como a maioria dos extramuros. Curiosamente, o Mosteiro de São Bento de Cástris, junto a este local, não "se permite" observar, uma vez que se encontra "camuflado" pela cortina vegetal que abrange esta paisagem. Como tal, a proposta para este lugar materializa-se numa torre mirante que sobe acima da copa das árvores e permite uma maior amplitude visual a par da observação de grande parte dos conjuntos monásticos, incluindo o vizinho mosteiro. Trata-se ainda da evocação de uma memória perdida: a demolida atalaia moura ali existente.

O **Vale do Aivado** é um lugar isolado, mas de uma beleza assinalável. Por muitos desconhecido, este sítio é marcado pelo Mosteiro de Santa Margarida do Aivado. A rota proposta recupera a utilização de um antigo caminho que conduz o visitante desde São Bento de Cástris até este lugar: o antigo caminho medieval de Lisboa/Montemor. É neste vale que estes vestígios são interrompidos pela criação de um lago artificial que confere à paisagem harmonia e frescura.

Como tal a proposta materializa-se num abrigo para o caminhante, oferecendo um ponto de pausa e contemplação sobre o meio envolvente, implantado no exacto local onde os vestígios reaparecem junto à barragem do alemão. Se até chegar a este local, o troço da

antiga via se confunde com meros caminhos rurais (por ainda hoje serem utilizados), os vestígios da mesma via, ao reaparecer ganham interesse por se tratar de uma azinhaga que passa quase despercebida na paisagem mas que sob um olhar atento podemos ainda identificar a trincheira da mesma.

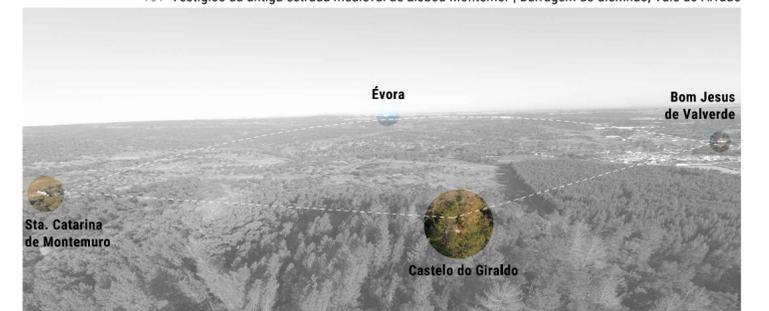
O **Castelo do Giraldo** permite igualmente uma vasta observação do território do concelho e do vizinho Mosteiro do Bom Jesus de Valverde. Porém, o Mosteiro de Santa Catarina de Montemuro, não é visualmente alcançado por quem visita este lugar, uma vez que se encontra oculto na mancha vegetal. A proposta pretende então valorizar este lugar quase esquecido, no qual começou precisamente a reconquista cristã da cidade. Através da criação de uma plataforma que se estende sobre os limites existentes e que contorna a fortificação arqueológica, o visitante privilegia de um maior campo de visão, conseguindo consequentemente o contacto visual com Santa Catarina de Montemuro a par do Bom Jesus de Valverde, os dois mosteiros junto a Valverde.



150 Vistas sobre os mosteiros intramuros e extramuros | Alto de São Bento



151 Vestígios da antiga estrada medieval de Lisboa-Montemor | Barragem do alemão, Vale do Aivado



152 Vista aérea sobre o Castelo do Giraldo, relação visual com a cidade de Évora, mosteiros de Santa Catarina de Montemuro e Bom Jesus de Valverde

## TORRE MIRANTE | ALTO DE SÃO BENTO

A sublinhar o potencial do Alto de São Bento na relação com a paisagem evidenciam-se os percursos ambientes que o percorrem, nomeadamente o percurso geológico e florístico (desde 2001) e a proximidade do Percurso Ambiental da Água da Prata (desde 2008). Razão pela qual se proporciona a este ponto privilegiado de observação do território, já por si comprometido com a memória histórica de uma atalaia medieval, a articulação de uma nova rota: a Rota Monástica. Por outro lado, dadas as condições geográficas únicas, este lugar permite a observação da cidade e de uma boa parte do território concelhio, nomeadamente as imponentes volumetrias de alguns mosteiros que fazem parte desta rota.

A intervenção formalizada pela torre complementa e reforça as já referidas características geográficas do lugar. Dessa forma, o edifício sobe acima da copa das árvores permitindo agora amplas vistas sobre a cidade e a possibilidade de observar dezoito mosteiros, dos vinte e um que compõem a rede monástica.

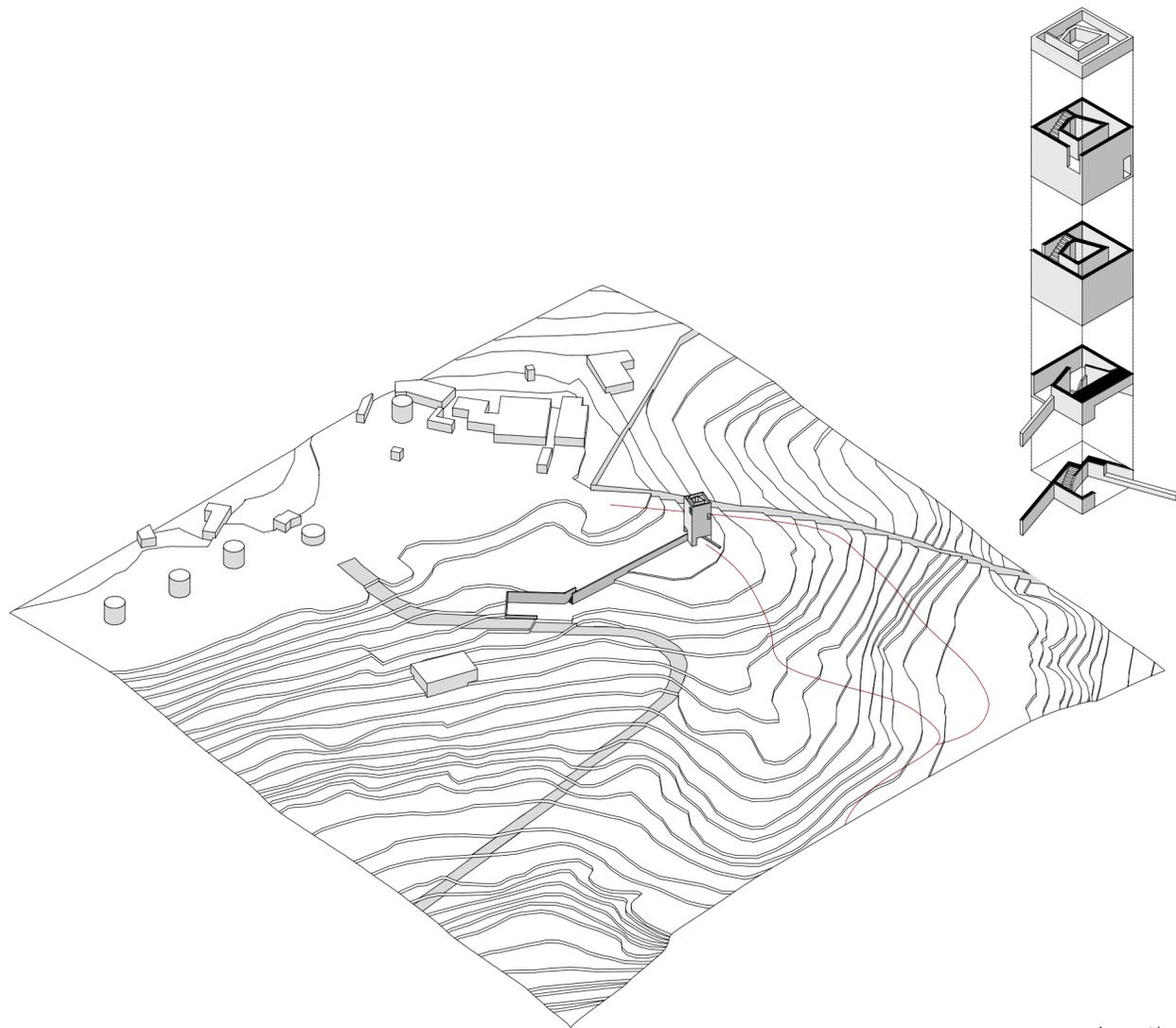
A torre agora proposta que proporciona ao caminhante além de um momento de pausa, um momento de contemplação com vistas dominante sobre a envolvente, procura evocar algumas características dos mosteiros. Se a sua verticalidade remete para as torres sineiras das igrejas dos antigos mosteiros, o seu vazio central alude à introspeção dos claustros, que através de linhas claras e materialidades simples invocam a experiência da ascensão.

Da mesma forma que a rota é um circuito contínuo a chegada à torre também se estabelece em dois momentos distintos permitindo uma fluidez e continuidade no percurso. Os muros desenham espaços que procuram receber quem chega pelos caminhos pedestres ou pelo acesso automóvel (ambos existentes), conduzindo no sentido da torre. Adaptam-se à topografia e ao próprio momento de chegada consoante as necessidades, materializados numa guarda e num banco. Estes elementos que nascem do solo, desenvolvem-se perpendicularmente entre si desenhando as entradas da torre. Criam um momento apoteótico através do vazio central rasgado até ao topo. A torção da torre relativamente aos seus muros, que procura a orientação da cidade, confere uma dinâmica ao interior e a todo o seu percurso ascendente, proporcionando diversos momentos. De forma a quebrar a monotonia da subida e reforçar o dinamismo

interior, os vãos criados ao longos dos patamares permitem desvendar pontuais vistas da envolvente bem como iluminar o espaço no interior. O término do percurso ascendente culmina com uma experiência única: um momento contemplativo sobre grande parte da rede monástica.

A sua materialidade privilegia o uso de betão, cujo aspecto e cromatismo se fundem no ambiente granítica, permitindo que a intervenção envelheça ao lado da paisagem envolvente.

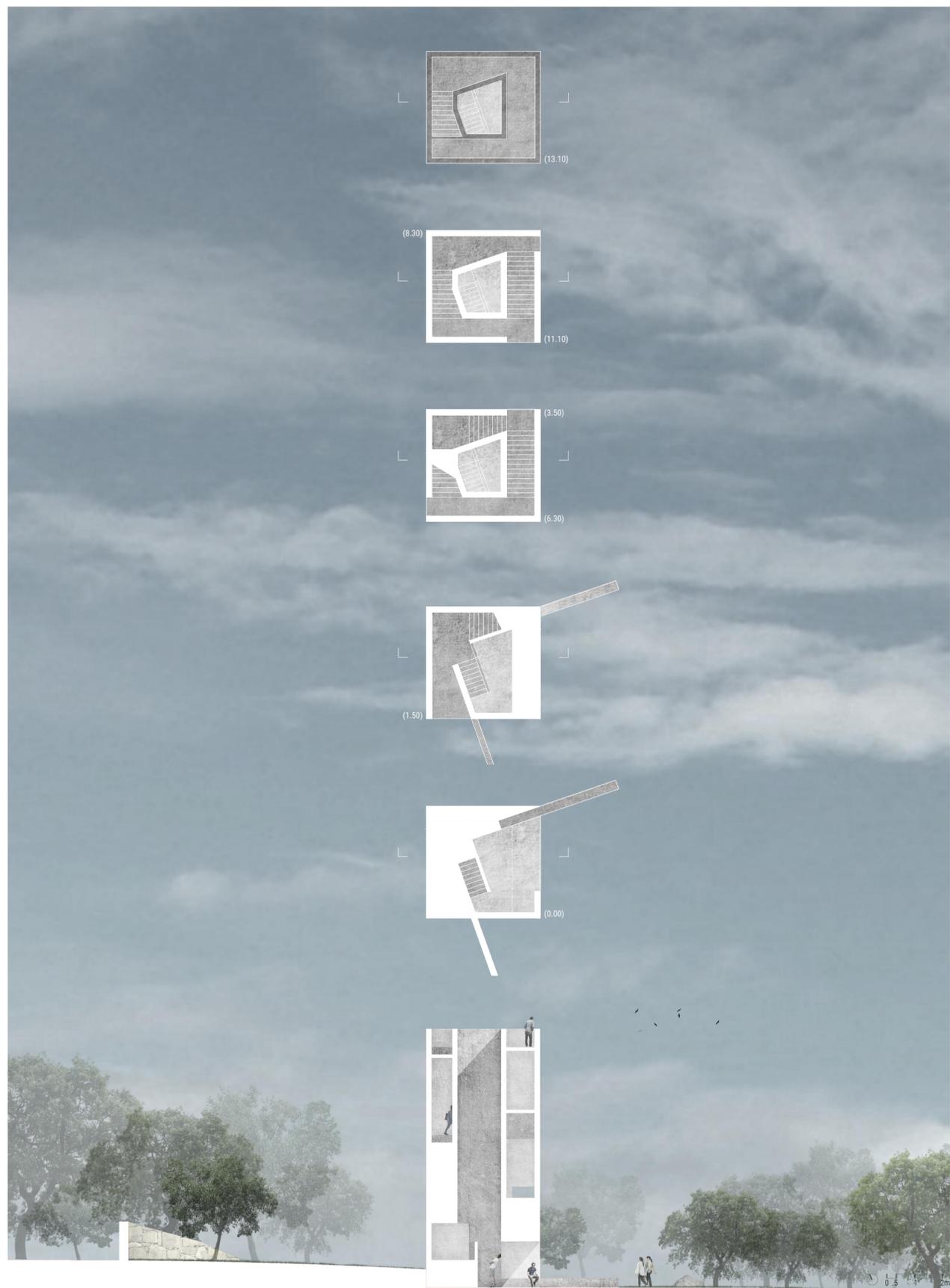




Axonometrias



153 Fotomontagem | Vista aérea



Plantas e corte



154 Fotomontagens | Ambiente interior e cobertura

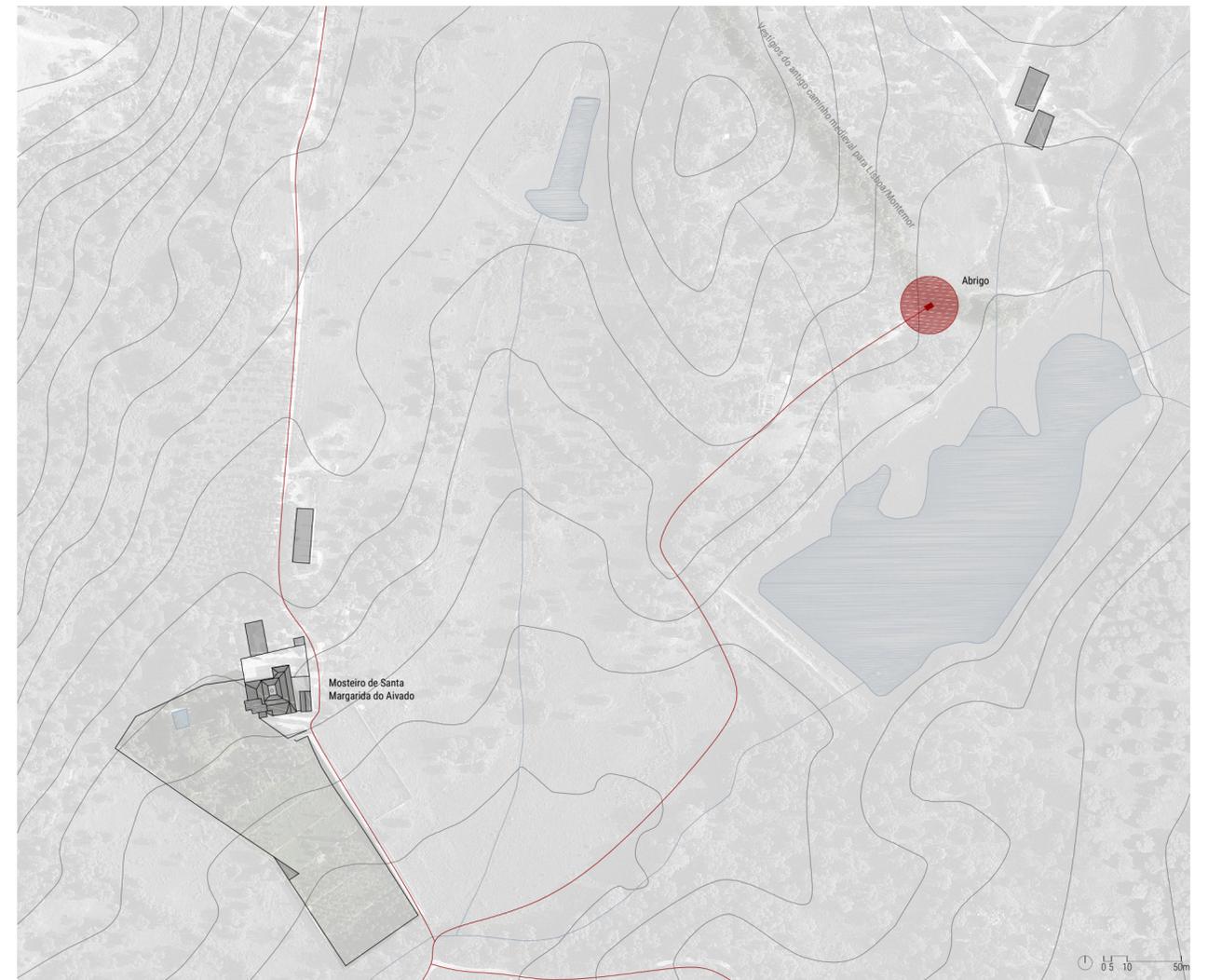
## ABRIGO | VALE DO AIVADO

O mosteiro de Santa Margarida do Aivado, é o único dos mosteiros que não é abrangido pelo alcance das outras intervenções, uma vez que se encontra num ermo.

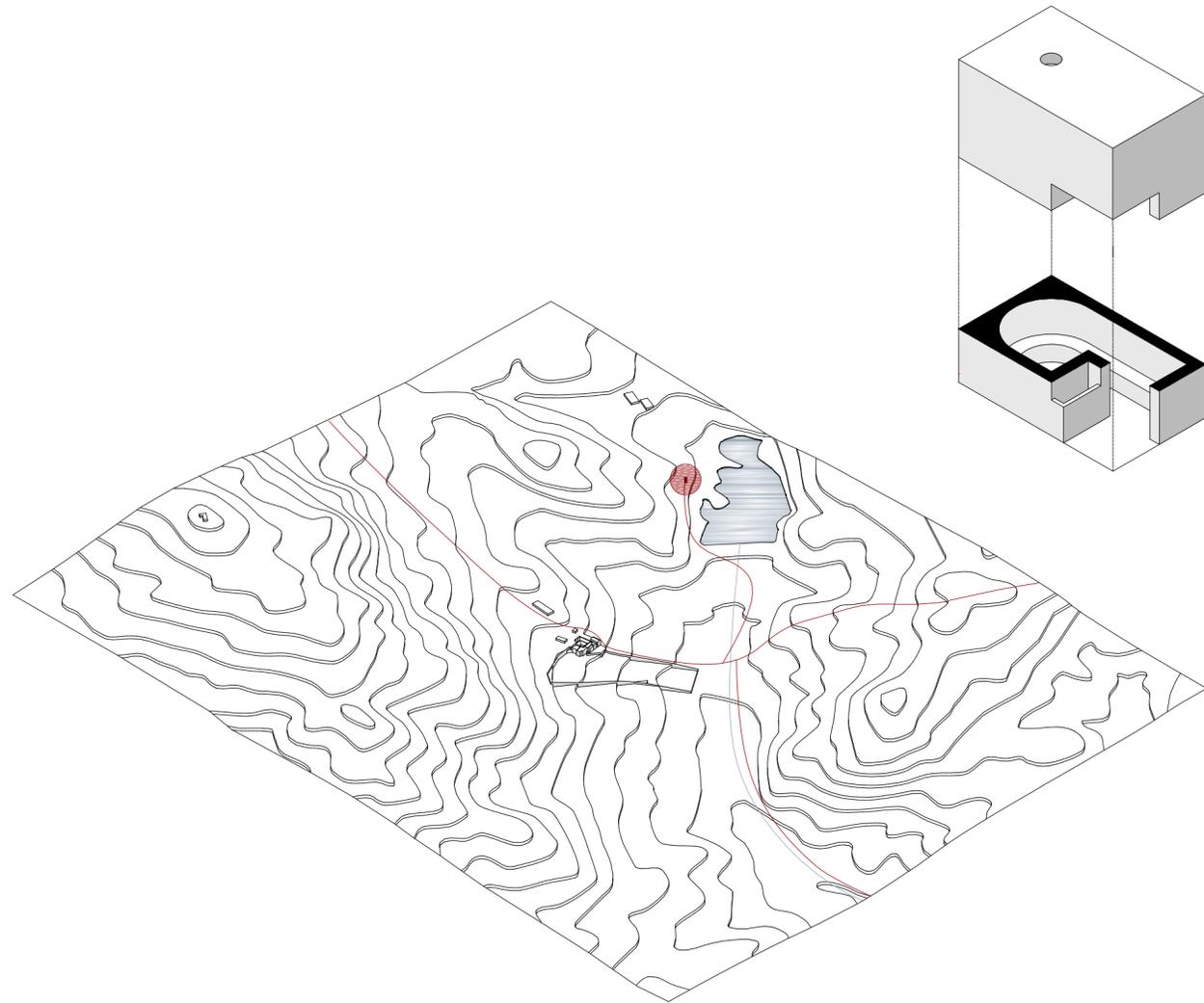
Como tal e face à sua localização intermédia na rota proposta, o projecto procura pontuar o lugar com um abrigo para o visitante. Este ponto pretende marcar, não só a chegada a Santa Margarida do Aivado, como a presença de vestígios da antiga estrada medieval para Montemor/Lisboa.

Implantado num lugar pitoresco, de vale, junto à barragem do alemão, surge este ponto de descanso onde recomeça a antiga via. A proposta materializa-se num elemento monolítico de betão, com o objectivo de marcar o lugar e envelhecer com a paisagem. Apesar de no exterior se apresentar com uma forma minimalista, o seu interior é, porém, mais complexo, não expondo de imediato a espacialidade que aguarda o visitante. Ao chegar ao abrigo, o caminhante é recebido num espaço coberto com um pequeno tanque de água. Um banco virado para o lago convida ao descanso, fuição e contemplação, e simultaneamente a entrar no derradeiro momento do abrigo.

Inspirado nas arquitecturas vernaculares de capelas rurais, fontes e espaços de fresco da região, surge um espaço introspectivo de dupla altura, encerrado por uma cúpula. Com esta proposta, pretende-se criar um retiro fresco para os dias quentes e simultaneamente um espaço de fogo para os dias frios, iluminado por um lanternim que funciona paralelamente como chaminé. O espaço em forma de meio círculo, "abraça" os visitantes num ambiente de conforto e protecção.



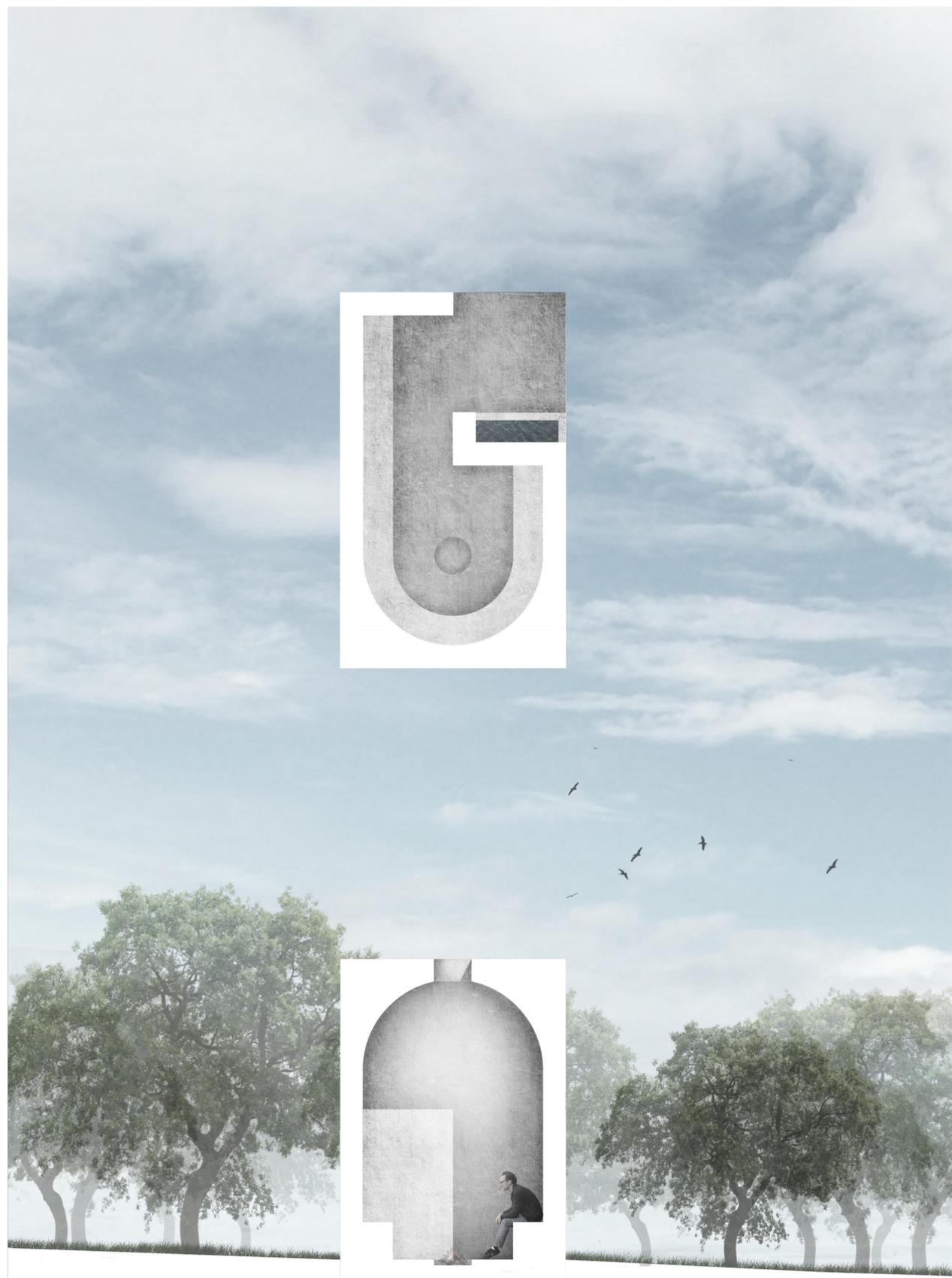
Planta de implantação



Axonometrias



155 Fotomontagem | Ambiente exterior



0 1 2 3 4m

Planta e corte



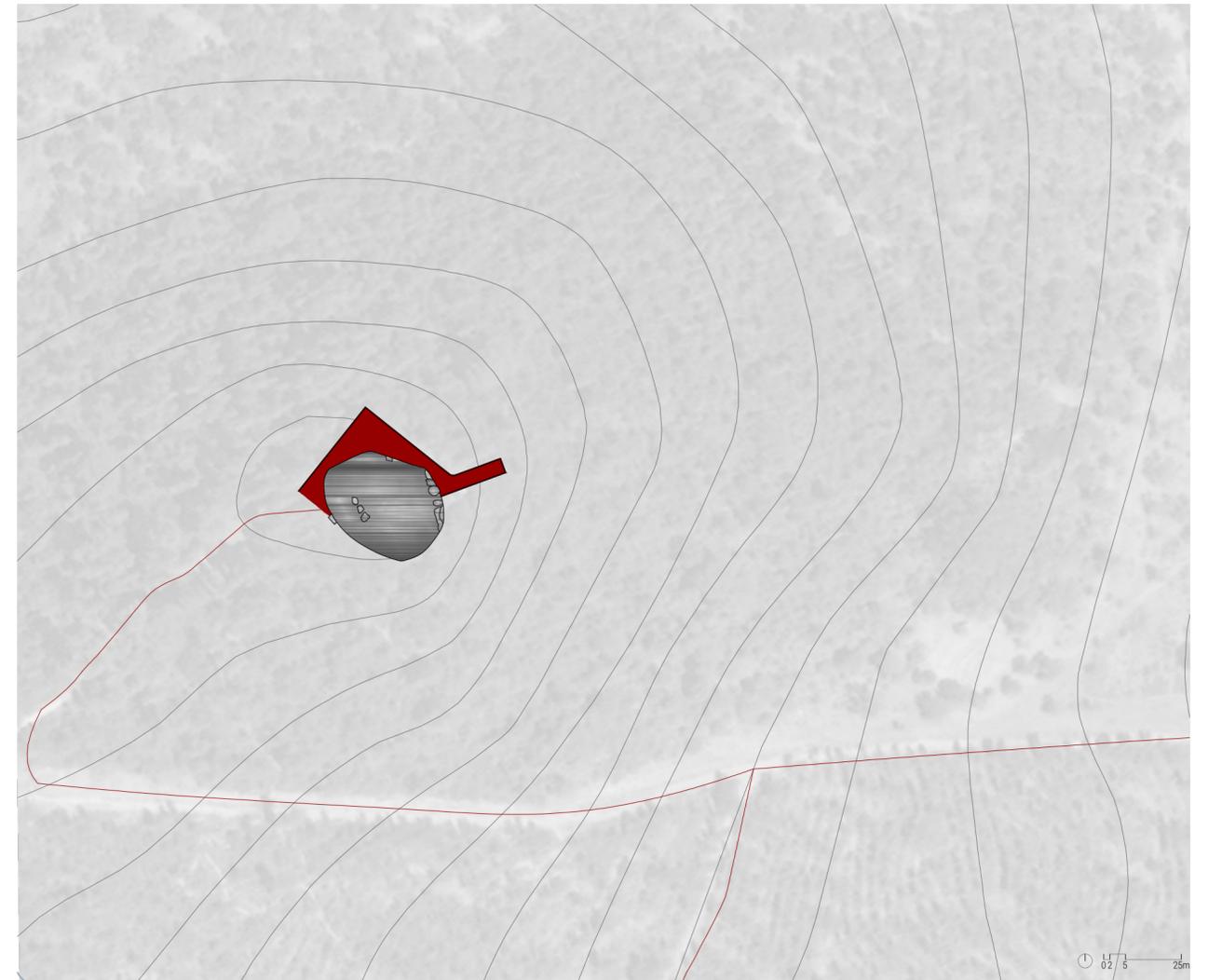
156 Fotomontagem | Ambiente interior

## MIRADOURO | CASTELO DO GIRALDO

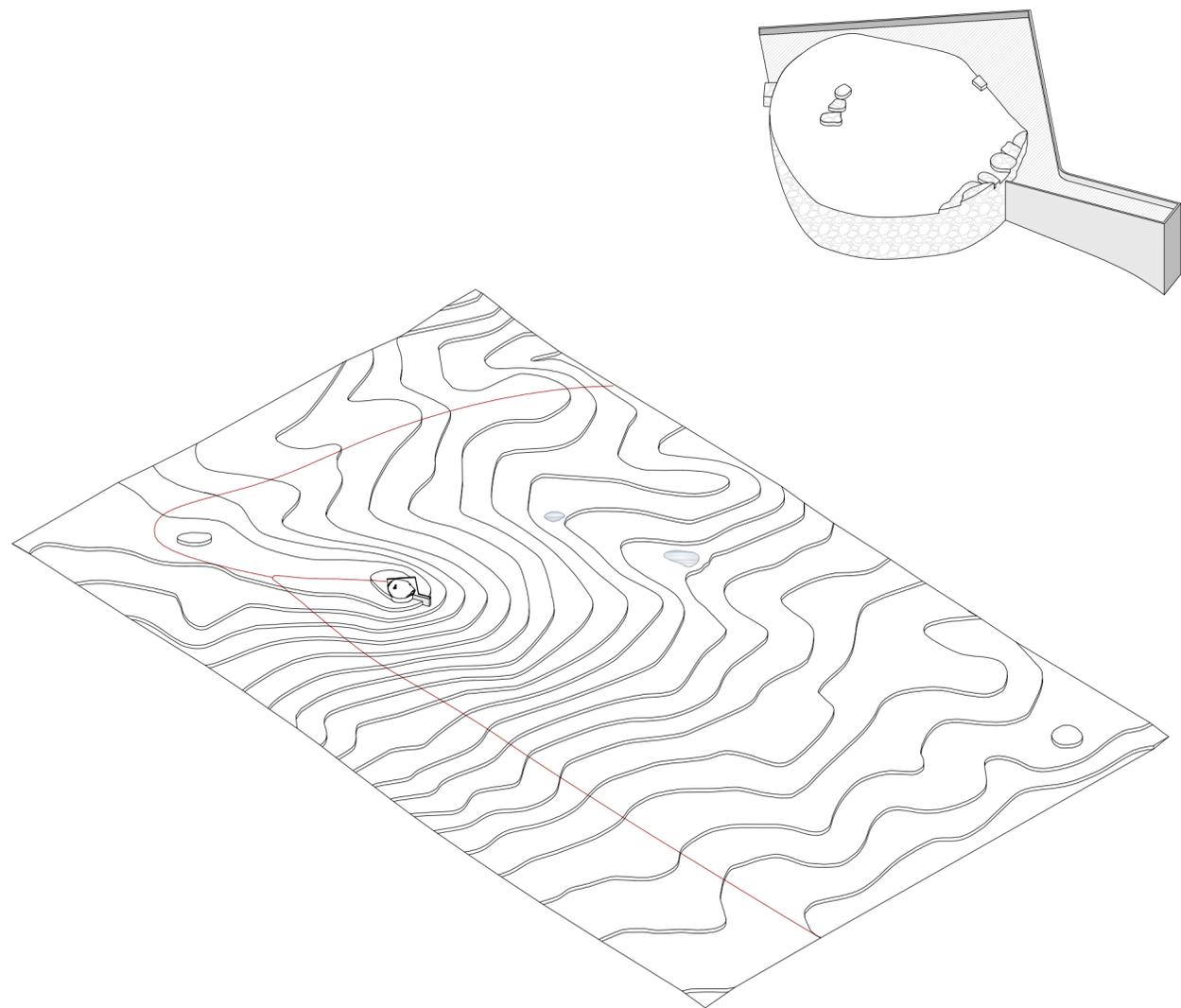
A proposta procura tirar partido das características do lugar, através de uma plataforma de observação que permite estender o limite alcançável pelos visitantes, abrindo sobre a cortina vegetal o campo de visão. Dessa forma além de amplas vistas sobre o território concelhio e a cidade, criam-se relações visuais com os mosteiros contíguos de Santa Catarina de Montemuro e Bom Jesus de Valverde. A intervenção pretende ser pouco intrusiva, respeitando a riqueza arqueológica do local.

O projecto materializa-se numa plataforma de madeira que forma um percurso, envolvendo a fortificação arqueológica e terminando num miradouro. A simplicidade da intervenção define-se numa linha que contorna, sem tocar a pré-existência e se lança na busca de novas relações visuais. A proposta nasce das circunstâncias do lugar através do muro que desenha o espaço mantendo na mesma cota durante o percurso na plataforma. Pretende-se paralelamente recuperar a memória deste lugar quase esquecido, no qual se iniciou a reconquista cristã da cidade de Évora.

A intervenção enquadra-se na paisagem de forma imponente com o objectivo de destacar o lugar. Contudo, de forma a melhor integrar-se no lugar, trata-se de uma estrutura leve, pouco intrusiva e reversível. A materialidade privilegia o uso da madeira, por ser um elemento que se funde na paisagem e que envelhece a seu lado. A vegetação existente absorve igualmente a intervenção, proporcionando espaços frescos e de sombra e tornando o local convidativo.



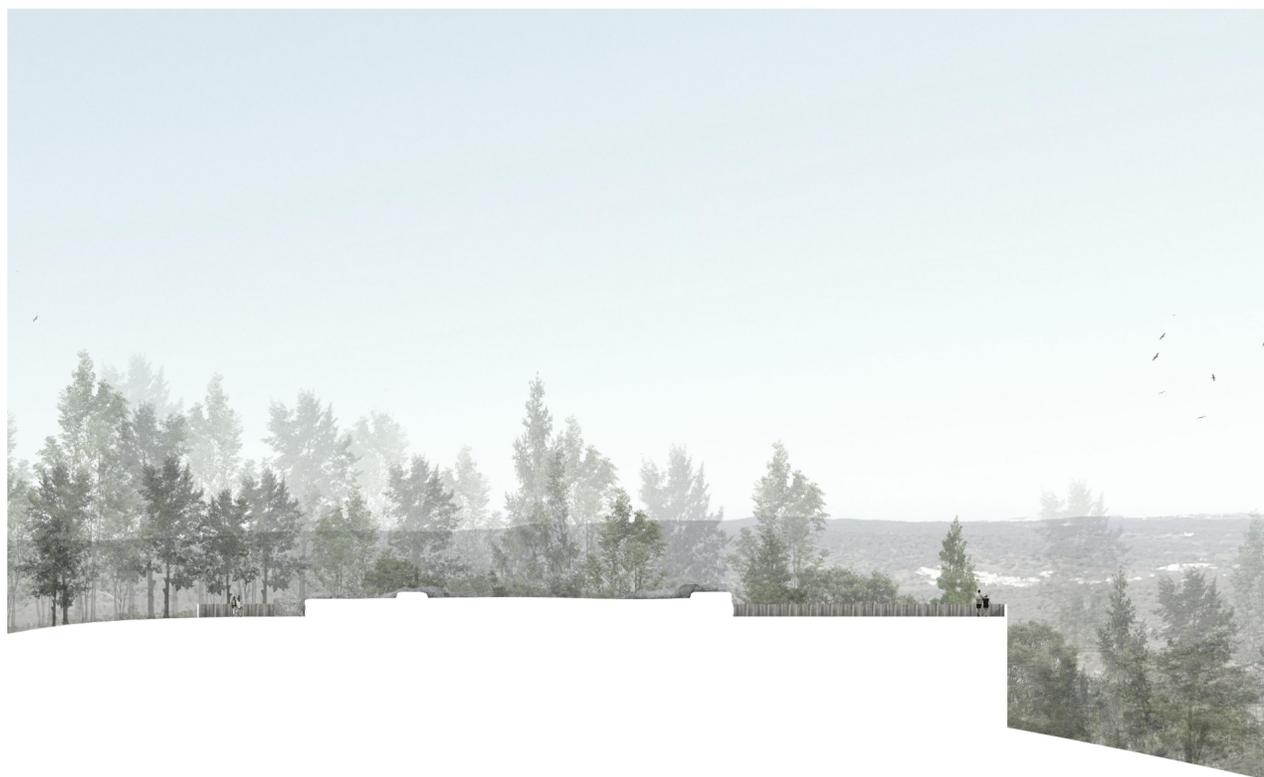
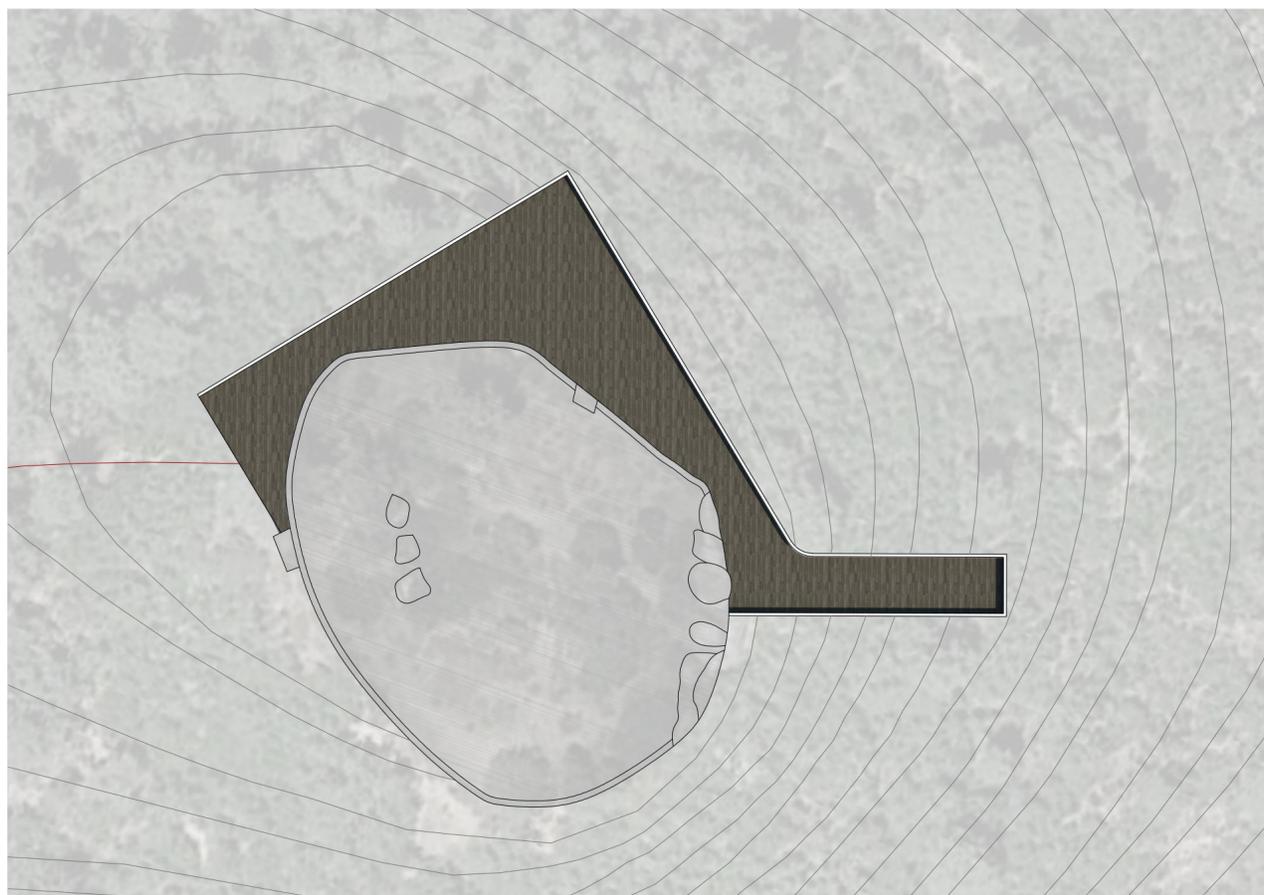
Planta de implantação



Axonometrias



156 Fotomontagem | Vista aérea



0 1 2 5m

Planta e corte



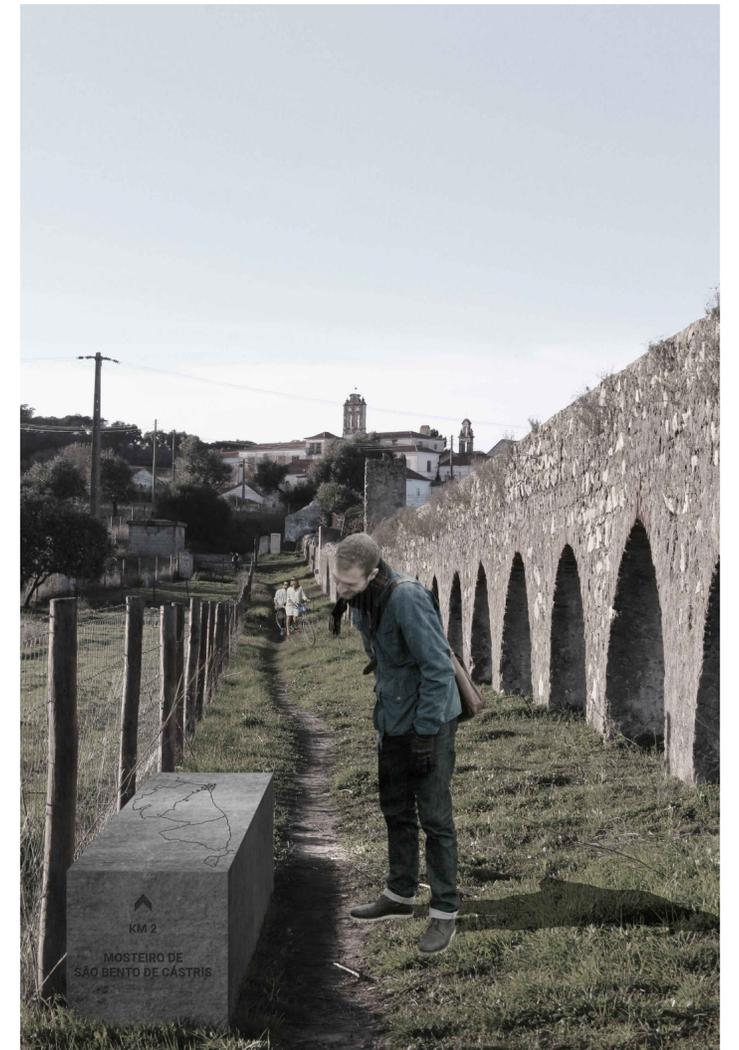
157 Fotomontagem | Miradouro

## CONSIDERAÇÕES SOBRE A ROTA MONÁSTICA

No presente capítulo analisaram-se as características passadas e presentes do território concelhio de Évora e como elas se relacionam com o património monástico aí existente.

A proposta da **Rota Monástica de Évora** surge, então, da premissa que o primeiro passo para valorizar este património cultural é tomar consciência da sua existência. A operacionalização do conceito é feita através de um percurso que aproveita grande parte dos percursos ambientais existentes e troços de antigas vias, cujo o objetivo é interligar e recuperar a memória de todos os mosteiros implantados neste território, analisando igualmente a sua importância histórica e patrimonial. Para além do percurso no território concelhio, também por isso dinâmico e abrangente, a proposta define três intervenções pontuais em lugares estratégicos da rota, nos quais se procura melhorar a fruição do visitante, propondo-lhe, ao mesmo tempo, o convite a uma leitura integrada da rede monástica de Évora.

Em suma, a Rota Monástica de Évora é uma proposta para valorizar um património cultural vasto, disperso e de certo modo desconhecido através de uma leitura de conjunto na forma de percurso histórico-ambiental.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação assentou numa componente teórica, que procurou investigar e refletir sobre as arquitecturas monásticas do concelho de Évora e quais as suas relações com a cidade, potenciando o tema numa proposta de valorização deste conjunto.

Este estudo acabou por revelar alguma documentação pouco conhecida ou mesmo inédita, o que só por si abre possibilidades e rumos de investigação para futuros trabalhos. Embora a proposta não procure responder à problemática dos espaços devolutos bem como à necessária metodologia de reabilitação, estamos certos que pela via da sua valorização, desde logo tomando consciência da sua existência, é o primeiro passo para a valorização deste importante património religioso.

Procurou-se entender como a cidade foi moldada ao longo dos séculos na relação com a fixação e desenvolvimento das diversas estruturas monásticas. Como tal, o trabalho apontou para uma leitura global deste conjunto como um todo a que nomeamos *rede monástica de Évora*. Uma rede constituída por vinte e uma edificações, de diferentes ordens e características, mas com o mesmo propósito devocional. Deste conjunto analisaram-se diferentes arquiteturas em variados graus de conservação, que se procurou melhor entender à luz de abordagens específicas.

A proposta final surge, pois, como reflexão sobre este vasto património religioso bem como a necessidade de o valorizar e fruir. A *Rota Monástica de Évora* é a materialização de um percurso ao longo do território como instrumento prático de aprendizagem, onde, através de pontuais intervenções se potencializa a relação com a paisagem e o seu significado histórico e cultural.



160 Visita guiada de Túlio Espanca ao Mosteiro do Calvário

## BIBLIOGRAFIA

### MONOGRAFIAS:

Abel, A. (2008). *Os limites da cidade*. Évora.

Alarcão, J. (1974). *Portugal Romano*. Lisboa: Gris Impressora.

Alcaforado, M.J. e Tabora, J. (1996-97)."O clima de Évora - contrastes térmicos locais", *A Cidade de Évora*, nº2, 2ª série. Évora: C.M.E..

Almeida, F. (1946). *O país das uvas*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.

Alves Costa, A. (2017). *Introdução ao Estudo da História da Arquitectura Portuguesa*. Porto: FAUP - Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Barata, A. F. (1909). *Évora Antiga*. Évora: Minerva comercial

Beirante, M. A. (1988). *Évora na Idade Média*. Lisboa.

Bilou, F.(1993). *Era uma vez. Histórias da Segunda Cidade do Reino (1480-1580)*. Vol.1. Évora:

Vega

Bilou, F. (2005). *O Sistema Viário Antigo na Região de Évora*. Lisboa: Edições Colibri.

Bilou, F. et all. (2006). *Convento do Espinho*. SPPTH: Memória e Património.

Bilou, F. (2010). *A Refundação do Aqueduto da Água da Prata, em Évora. 1533-1537*. Lisboa: Edições Colibri.

Bilou, F. (2014). *A Igreja de São Francisco e o Paço Real de Évora: A obra e os seus protagonistas 500 anos depois*. Lisboa: Edições Colibri.

Caeiro, E. (2005). *Os Conventos do Termo de Évora*. Dissertação de Doutoramento em Teoria y Pratica de la Rehabilitacion na Universidade de Sevilha, Espanha.

Calvete, M. (2013). *Itinerâncias e Percursos da Memória. Desenho que suporte a relação entre património, território e paisagem*. Tese de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Arquitectura Universidade de Lisboa.

Conde, M. A. (2009). *Cister a Sul do Tejo: o mosteiro de S. Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaça (1567-1776)*. Lisboa: Edições Colibri.

Espanca, T. (1957). *Património Artístico do Concelho de Évora: Arrolamento das Freguesias Rurais*. Évora: Câmara Municipal de Évora.

Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal*. VII - Concelho de Évora. Lisboa.

Espanca, T. (1973). *Convento de N. Sra. do Paraíso* - etc.. Évora: Livraria Nazareth.

Espanca, T. (1975). "Agonia do Convento de Santa Catarina de Sena de Évora", in *A cidade de*

*Évora*, nº58, Évora: Câmara Municipal de Évora.

Espanca, T. (1978-79). "Extinção do Convento do Salvador de Évora", in *A cidade de Évora*, nº61-62, Évora: Câmara Municipal de Évora.

Fróis, V. coord. (2002). *Conversas à volta dos conventos*. Évora: Casa do Sul Editora.

Faustino, P. (2016). *O Mosteiro de São Bento de Cástris: memória e identidade*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura da Universidade de Évora.

Fontes, J. L. (2012). *Da "pobre vida" à Congregação da Serra de Ossa: génese e institucionalização de uma experiência eremítica (1366-1510)*. Tese de Doutoramento em História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Fialho, Pe. M. *Évora ilustrada (manuscrito)*. Tomo IV, fls. 542-576. Biblioteca Pública de Évora. Cod. CXXX/1-11.

Loureiro, A. (2016). *A arquitectura do mosteiro cartusiano de Santa Maria Scala Coeli: do processo de entrada*. Évora: Dissertação de Mestrado Integrado em Aquitectura da Universidade de Évora.

Mantas, V. (1986). *Arqueologia urbana e fotografia aérea. Contributo para o estudo do urbanismo antigo de Santarém, Évora e Faro*. Trabalho de Arqueologia 3. Lisboa.

Marado, C. A. (2006). *Antigos Conventos do Algarve: um Percurso pelo Património da Região*. Lisboa: Colibri.

Marado, C. A. (2010). *A gestão dos bens das extintas casas regulares do Algarve*. nº7/8. Universidade do Algarve.

Marado, C. A. (2011).*O processo de formação da rede monástico-conventual do Algarve (1189-1834)*. nº9. Universidade do Algarve.

Monforte, Fr M. de. (1751) *Chronica da Província da Piedade*. Lisboa: Oficina de Miguel Manescal da Costa.

Monteiro, F. (2010). *Sistema Monástico-Conventual e desenvolvimento urbano de Évora na Baixa Idade Média*. Tese de Doutoramento em Arquitectura na Universidade de Évora.

Pereira, G. (1886). *Estudos Eborenses*. Évora: Minerva Eborens.

Pereira, G. (1886). *Conventos de Freiras*. Évora: Minerva.

Pereira. R. (2017). *Convento de Nossa Senhora da Esperança de Portimão: património, passado e futuro*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura da Universidade de Évora.

Queimado, J.M. (1975). *Évora suas ruas e seus conventos*. Edição de Autor.

Serra, J.B. et all (2010). *Inventário dos Fundos Monástico-Conventuais da Biblioteca Pública de Évora*, Edições Colibri - CIDEHUS-Universidade de Évora.

Silva, J. C. V. da (1989). *O tardo-gótico em Portugal - a arquitectura no Alentejo*. Lisboa: Livros Horizonte.

Sousa, B. (director); Pina, I.; Andrade, M.; Santos, M.L.F.O.S.S. (1957). *Ordens Religiosas em Portugal: das Origens a Trento: Guia Histórico*. (2ªed.) Lisboa: Livros Horizonte.

Torga, M. (2015). *Portugal*. (10ª ed.) Alfragide: Leya.

### ARTIGOS CIENTÍFICOS:

Beirante, M. Â. (2001). "Évora no dealbar do Império", in *Foral Manuelino de Évora*. CME/INCM.

Bilou, F. (2018). *Nicolau Chanterene e os portais renascentistas da capela-mor de São Domingos de Évora. Breve análise histórica, artística e autoral*. Évora. Santos, M. (2009). "As Ordens Religiosas na Diocese de Évora 1165 - 1540". *Medievalista* [Em linha]. N.º7 .

Simplício, M. (2003). *Évora: Origem e Evolução de uma Cidade Medieval*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Simplício, M. (2006). *Évora, Algumas Etapas Fundamentais na Evolução da Cidade até ao Século XVI*. Câmara Municipal de Évora.

Tereno, M. C. (2006). *Igreja e Convento de São Francisco de Évora - A sua conservação*. Câmara Municipal de Évora.

Tereno, M. C.; Pereira, M.; Tereno, A. (2010). Implantação e Arquitectura de Conventos Franciscanos e seu enquadramento paisagístico no distrito de Évora (Portugal). In *El Franciscanismo en la Península Ibérica: III Congreso Internacional*, 1-24.

Tereno, M. C.; Monteiro, F. (2011). *A Praça de Giraldo e o seu papel no desenvolvimento urbano da cidade - Évora, Portugal*.

Tereno, M. C.; Monteiro, F. (2013). *S. Domingos e Santa Clara como conjuntos estruturantes para o desenvolvimento da malha urbana no quadrante noroeste da cidade de Évora (séculos XII / XV) – Portugal*.

Tereno, M. C. (2013)."Convento dos Remédios in Ciclo te conferências- *Convento de Nossa*

*Senhora dos Remédios e a Ordem do Carmo em Portugal e no Brasil*. Évora.

Tereno, M. C.; Monteiro, F. (2016). *Morfologia urbana na zona ocidental intramuros da cidade de Évora (sécs. XIII -XXI): do património à malha urbana*. PNUM.

## ICONOGRAFIA

01 Vista parcial de Évora, 1847  
The Illustrated London News [Volume 10]

02 Carta do Vigário geral ao Rei D. João III em 1537  
ANTT | Corpo Cronológico, Parte I, mç. 79, n.º 77

03 Planta da cidade de Évora, século XVI  
Bibliothèque nationale de France

04 Projecto de fortificação de Évora, século XVII  
Nicolau de Langres

05 Vestígios do primitivo do mosteiro do Carmo, 2018.  
Fotografia captada pelo autor

06 Planta da cidade de Évora, 1884  
Manuel Joaquim de Mattos | Santa Casa da Misericórdia

07 Contra capa do Foral de Évora, 1501  
Nicolau de Langres

08 Sem título, s/d  
Autor desconhecido [Propriedade Arquivo Fotográfico da CME]

09 Planta da cidade de Évora, 1750/1790  
Biblioteca Nacional de Portugal [d-343-a]

10 Vista geral da cidade de Évora do lado Norte, 1669  
Pier Maria Baldi [Viagem do Príncipe Cosme III de Médicis, Duque da Toscana]

11 Fotografia aérea da cidade de Évora, 1958  
Centro de Informação Geoespacial do Exército

12 Fotografia aérea da cidade de Évora, 2018  
www.bingmaps.com

13 Vista parcial de Évora, 1950- /1970  
David Freitas [DFT2304 - Propriedade Arquivo Fotográfico CME]

14 Vista aérea do mosteiro de São Francisco, 2018  
Francisco Brito

15 Fachada poente da igreja, troço do aqueduto e da caixa demolidos em 1873, 1873  
SIPA - www.monumentos.gov.pt

16 Igreja real de S. Francisco. Fachadas. sécs. XV-XVI, s/d  
Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal*. VII - Concelho de Évora. Lisboa.

17 Igreja real de S. Francisco. Nave gótico-manuelina. sécs. XV-XVI, s/d  
Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal*. VII - Concelho de Évora. Lisboa.

18 Claustro  
SIPA - www.monumentos.gov.pt

19 Igreja de S. Francisco. Claustro gótico (1376), s/d.  
Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal*. VII - Concelho de Évora. Lisboa.

20 Vista aérea do mosteiro de São Bento de Cástris, 2018  
Francisco Brito

21 Convento de São Bento de Cástris, 1890-1920  
José Monteiro Serra [Propriedade Grupo Pró-Évora - Arquivo Fotográfico da CME]

22 Igreja de S. Bento de Cástris, s/d  
Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal*. VII - Concelho de Évora. Lisboa.

23 Sem título, década 1970/1990  
Autor desconhecido [Propriedade Arquivo Fotográfico da CME]

24 Sem título, década 1970/1990  
Autor desconhecido [Propriedade Arquivo Fotográfico da CME]

25 Vista aérea da área anteriormente ocupada pelo do mosteiro de São Domingos, 2018  
Francisco Brito

26 Reconstituição, 1995  
Bilou, F.(1993). *Era uma vez. Histórias da Segunda Cidade do Reino (1480-1580)*. Vol.1. Évora: Vega

27 Évora perdida no tempo - Jardim das Canas, s/d  
www.viverevora.blogspot.com

28 Convento de S. Domingos. Claustro gótico. Séc. XIV  
Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal*. VII - Concelho de Évora. Lisboa.

29 Edifício antes de intervenção, 2001-2002  
Luís Fialho

30 Vista aérea do mosteiro de Santa Margarida do Aivado, 2018  
Francisco Brito

31 Vista aérea antiga do mosteiro de Santa Margarida do Aivado, s/d  
Fotografia cedida pelo proprietário Carl Walter

32 Vista exterior, 2018  
Fotografia captada pelo autor

33 Antiga igreja, 2018  
Fotografia captada pelo autor

34 Claustro do convento de Santa Margarida, 1950-1970  
David Freitas [Propriedade do Arquivo Fotográfico da CME]

35 Vista aérea do mosteiro de Santa Catarina de Montemuro, 2018  
Francisco Brito

36 Quinta da Provença - Ermida de Nª Sª de Monserrate, s/d  
Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal*. VII - Concelho de Évora. Lisboa.

37 Vista sobre o conjunto, 2018  
Fotografia captada pelo autor

38 Interior da ermida, 2018  
Fotografia captada pelo autor

39 Porta antiga, 2018  
Fotografia captada pelo autor

40 Vista aérea do mosteiro de Santa Mónica, 2018  
Francisco Brito

41 Convento de Santa Mónica (anterior a 1890)  
Autor desconhecido [Propriedade Arquivo Fotográfico da CME]

42 Convento de Santa Mónica (anterior a 1890)  
José António Barbosa [Propriedade Grupo Pró-Évora (em depósito no Arquivo Fotográfico da CME)]

43 Convento de Santa Mónica. Claustro renascentista. (Época de D. João III). s/d  
Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal*. VII - Concelho de Évora. Lisboa.

44 Convento de Santa Mónica. Claustro renascentista. (Época de D. João III). s/d  
Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal*. VII - Concelho de Évora. Lisboa.

45 Vista aérea do mosteiro de Santa Clara, 2018  
Francisco Brito

46 Fachada da igreja de Santa Clara (anterior a 1966)  
David Freitas [Propriedade Arquivo Fotográfico da CME]

47 Igreja de Santa Clara. Cabeceira. Sécs. XVI-XVIII. s/d  
Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal*. VII - Concelho de Évora. Lisboa.

48 Claustro do convento de Santa Clara (posterior a 1951)  
David Freitas [Propriedade Arquivo Fotográfico da CME]

49 Convento de Santa Clara. Claustrim e mirante de tejeleiras. Séc. XVI. s/d  
Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal*. VII - Concelho de Évora. Lisboa.

50 Convento de Santa Clara. Refeitório. Séc. XVI final. s/d  
Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal*. VII - Concelho de Évora. Lisboa.

51 Vista aérea do mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro, 2018  
Francisco Brito  
52 Convento de Nossa Senhora do Espinheiro. Vista geral. Séc. XVI-XVII. s/d  
Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal*. VII - Concelho de Évora. Lisboa.

53 Igreja do Convento de N.ª S.ª do Espinheiro. Nave. (cª 1700) s/d  
Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal*. VII - Concelho de Évora. Lisboa.

54 Convento de N.ª S.ª do Espinheiro. Claustro. Piso térreo (1520-22). s/d  
Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal*. VII - Concelho de Évora. Lisboa.

55 Convento de N.ª S.ª do Espinheiro. Claustro. Adega (cª 1525). s/d  
Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal*. VII - Concelho de Évora. Lisboa.

56 Vista aérea do mosteiro de São João Evangelista, 2018  
Francisco Brito

57 Sem título (1970/1990)  
Autor desconhecido [Propriedade Arquivo Fotográfico da CME]

58 Sem título (1890-1920)  
[Propriedade Grupo Pró-Évora (em depósito no Arquivo Fotográfico da CME)]

59 Igreja de S. João Evangelista (Lóios). Nave e capela-mor. Séc. XV. s/d  
Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal*. VII - Concelho de Évora. Lisboa.

60 Convento de S. João Evangelista. Claustro. Séc. XV-XVI. s/d  
Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal*. VII - Concelho de Évora. Lisboa.

61 Vista aérea anteriormente ocupada pelo mosteiro de Santa Catarina de Sena, 2018  
Francisco Brito

62 Convento de Santa Catarina (1890-1899)  
José António Barbosa [Propriedade Grupo Pró-Évora (em depósito no Arquivo Fotográfico da CME)]

63 Convento de Santa Catharina, desfeito (Nascente), s/d  
Barata, A. F. (1909). *Évora Antiga*. Évora: Minerva comercial

64 Claustro do convento, s/d  
Caeiro, E. (2005). *Os Conventos do Termo de Évora*. Dissertação de Doutoramento em Teoria y Pratica de la Rehabilitacion na Universidade de Sevilha, Espanha.

65 Convento de Santa Catharina, desfeito (Poente), s/d  
Barata, A. F. (1909). *Évora Antiga*. Évora: Minerva comercial

66 Vista aérea do mosteiro de Nossa Senhora do Paraíso, 2018  
Francisco Brito

67 Convento do Paraíso vista da R. Mendo Estevens (anterior a 1900)  
José António Barbosa [Propriedade Arquivo Fotográfico da CME]

68 Convento do Paraíso (anterior a 1900)  
José António Barbosa [Propriedade Arquivo Fotográfico da CME]

69 Demolição do Convento do Paraíso (anterior a 1900)  
José António Barbosa [Propriedade Grupo Pró-Évora (em depósito no Arquivo Fotográfico da CME)]

70 Túmulo de Álvaro Costa no interior do convento, s/d  
[Propriedade Arquivo Fotográfico da CME]

71 Demolição do Claustro, s/d  
[Propriedade Arquivo Fotográfico da CME]

72 Vista aérea do mosteiro de Nossa Senhora da Graça, 2018  
Francisco Brito

73 Convento e igreja de Nossa Senhora da Graça, 1940-1950  
António Passaporte [Propriedade Arquivo Fotográfico da CME]

74 Vista parcial, 1939  
SIPA - [www.monumentos.gov.pt](http://www.monumentos.gov.pt)

75 Igreja, 1967  
SIPA - [www.monumentos.gov.pt](http://www.monumentos.gov.pt)

76 Convento de N.ª S.ª da Graça. Claustro clássico. (cª 1550). s/d

Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal*. VII - Concelho de Évora. Lisboa.

77 Vista aérea do mosteiro de Bom Jesus de Valverde, 2018  
Francisco Brito

78 Convento de Bom Jesus de Valverde, anterior a 1913  
José António Barbosa [Propriedade Arquivo Fotográfico da CME]

79 Convento de Bom Jesus de Valverde, 1920  
Inácio Caldeira [Propriedade Arquivo Fotográfico da CME]

80 Igreja do Cv. Bom Jesus de Valverde, 1920  
David Freitas [Propriedade Arquivo Fotográfico da CME]

81 Convento de Bom Jesus de Valverde. Claustro clássico. (cª 1550). s/d  
Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal*. VII - Concelho de Évora. Lisboa.

82 Vista aérea do mosteiro de Nossa Senhora dos Remédios, 2018  
Francisco Brito

83 Sem título, s/d  
Autor desconhecido [Propriedade Arquivo Fotográfico da CME]

84 Convento de N.ª S.ª dos Remédios. Aspecto geral, exterior. (1601-14), s/d  
Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal*. VII - Concelho de Évora. Lisboa.

85 Convento dos Remédios. Igreja.Capela-mor.Obra dos irmãos Abreu do Ó.Séc XVIII.s/d  
Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal*. VII - Concelho de Évora. Lisboa.

86 Convento de N.ª S.ª dos Remédios. Claustro. (1ª metade do séc. XVII), s/d  
Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal*. VII - Concelho de Évora. Lisboa.

87 Vista aérea do mosteiro de Santa Helena do Monte Calvário, 2018  
Francisco Brito

88 Fachada do Convento do Calvário, 1909-1920  
José António Barbosa [Propriedade Grupo Pró-Évora (em depósito no Arquivo Fotográfico da CME)]

89 Igreja, 1954  
SIPA - [www.monumentos.gov.pt](http://www.monumentos.gov.pt)

90 Claustro do Convento do Calvário, 1900-1920  
Mário Gama Freixo [Propriedade Grupo Pró-Évora (em depósito no Arquivo Fotográfico da CME)]

91 Refeitório do Convento do Calvário, anterior a 1966  
David Freitas [Propriedade Arquivo Fotográfico da CME]

92 Vista aérea do mosteiro de Santo António da Piedade, 2018  
Francisco Brito

93 Extinto Convento dos Capuchinhos de Sto. António da Piedade, s/d  
Espanca, T. (1957). *Património Artístico do Concelho de Évora: Arrolamento das Freguesias Rurais*. Évora: Câmara Municipal de Évora.

94 Jardim da Quinta de Santo António, 1920  
Inácio Caldeira [Propriedade Arquivo Fotográfico da CME]

95 Convento de Santo António da Piedade. Nave e capela-mor. (cª 1747). s/d  
Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal*. VII - Concelho de Évora. Lisboa.

96 Convento de Santo António dos Capuchos. Claustro. Séc. XVII início. s/d  
Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal*. VII - Concelho de Évora. Lisboa.

97 Vista aérea do mosteiro de Salvador do Mundo, 2018  
Francisco Brito

98 Sem título, s/d  
Eborografias - [www.facebook.com](http://www.facebook.com)

99 Sem título, 1930/1970  
David Freitas [Propriedade Arquivo Fotográfico da CME]

100 Igreja do Convento do Salvador. Capela-mor. séc. XVII fin. s/d  
Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal*. VII - Concelho de Évora. Lisboa.

101 Vista geral/claustro, 1946  
SIPA - [www.monumentos.gov.pt](http://www.monumentos.gov.pt)

102 Vista aérea do mosteiro da Cartuxa, 2018  
Francisco Brito

103 Sem título, anos 40/60  
António Passaporte [Propriedade Arquivo Fotográfico da CME]

104 Igreja da Cartuxa. Retábulo do altar-mor. Obra barroca dos irmãos Abreu do Ó. (c.ª1720), s/d  
Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal*. VII - Concelho de Évora. Lisboa.

105 Sem título, anos 40/60  
António Passaporte [Propriedade Arquivo Fotográfico da CME]

106 Convento da Cartuxa. Claustro principal. séc. XVII, s/d  
Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal*. VII - Concelho de Évora. Lisboa.

107 Fachada lateral da igreja: claustro pequeno em ruínas, s/d  
SIPA - [www.monumentos.gov.pt](http://www.monumentos.gov.pt)

108 Vista aérea do mosteiro de Nossa Senhora das Mercês, 2018  
Francisco Brito

109 Sem título, s/d  
Eborografias - [www.facebook.com](http://www.facebook.com)

110 Convento de N.ª S.ª das Mercês (Museu de Artes Decorativas). Frontaria da igreja, s/d  
Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal*. VII - Concelho de Évora. Lisboa.

111 Igreja das Mercês. Museu de Artes Decorativas. Cruzeiro e capela-mor. Sécs. XVII-XVIII. s/d  
Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal*. VII - Concelho de Évora. Lisboa.

112 Convento de N.ª S.ª das Mercês (Museu de Artes Decorativas). Abóbada quinhentista do primitivo paço dos Freires de Andrade, senhores de Bobadela, absorvido pelo Convento das Mercês. s/d  
Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal*. VII - Concelho de Évora. Lisboa.

113 Vista aérea do mosteiro de São José da Esperança, 2018  
Francisco Brito

114 Mosteiro de São José, 1949  
SIPA - [www.monumentos.gov.pt](http://www.monumentos.gov.pt)

115 Mosteiro de São José: interior da igreja, 1954  
SIPA - [www.monumentos.gov.pt](http://www.monumentos.gov.pt)

116 Sem título, anos 40/60  
António Passaporte [Propriedade Arquivo Fotográfico da CME]

117 Mosteiro de S. José - Claustro da Portaria, s/d  
Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal*. VII - Concelho de Évora. Lisboa.

118 Vista aérea do mosteiro de Nossa Senhora do Carmo, 2018  
Francisco Brito

119 Convento de N.ª S.ª do Carmo (Palácio Arquiepiscopal e Paróquia da Sé). Fachada principal com frente para o Largo da Porta de Moura (1690-1716). s/d  
Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal*. VII - Concelho de Évora. Lisboa.

120 Convento de N.ª S.ª do Carmo (Palácio Arquiepiscopal e Paróquia da Sé). Aspecto geral do lado sul. (1690-1716). s/d  
Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal*. VII - Concelho de Évora. Lisboa.

121 Convento do Carmo: nave e capela-mor, 1954  
SIPA - www.monumentos.gov.pt

122 Convento do Carmo. Claustro. Ala principal. Sécs. XVII-XVIII. s/d  
Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal*. VII - Concelho de Évora. Lisboa.

124 Capa - Rota monástica de Évora, 2018  
Fotografia captada pelo autor

125 Walking a line in Peru, Richard Long  
www.richardlong.org

126 A line made by walking, Richard Long  
www.richardlong.org

127 Shift, Richard Serra  
www.pinterest.com

128 Secant, Carl Andre  
www.pinterest.com

129 Running Fence, Christor Jeanne-Claude  
www.pinterest.com

130 East-West/West-East, Richard Serra  
www.archdaily.com

131 The line  
www.archiprix.com

132 The trace  
www.archiprix.com

133 The shadow  
www.archiprix.com

134 Mirador Aurland, Saunders Architecture  
www.archdaily.com

135 Mirador de Trollstigen, Reiulf Ramstad Architects  
www.archdaily.com

136 Museu da Mineração Allmannajuvet, Peter Zumthor  
www.archdaily.com

137 Mirador Sohlbergplassen, Carl-Viggo Hølmekakk  
www.archdaily.com

138 | 139 Torre mirante do Cerro del Obispo, Christ & Gantenbein  
www.archdaily.com

140 | 141 Santuário Estanzuela, Ai Wei Wei (FAKE Design)  
www.archdaily.com

142 | 143 | 144 Santuário circular, Dellekamp + Periférica  
www.archdaily.com

145 | 146 Miradouro das Cruzes, Elemental  
www.archdaily.com

147 Vista aérea sobre o Mosteiro de São Bento de Cástris e Alto de São Bento, 2018  
Francisco Brito

148 Vista aérea sobre o vale do Aivado: Mosteiro de Santa Margarida do Aivado e barragem do alemão, 2018  
Francisco Brito

149 Vista aérea sobre o Castelo do Giraldo, 2018  
Francisco Brito

150 Vistas sobre os mosteiros intramuros e extramuros | Alto de São Bento, 2018  
Fotografia captada pelo autor

151 Vestígios da antiga estrada medieval de Lisboa-Montemor | Barragem do alemnã, Vale do Aivado, 2018  
Fotografia captada pelo autor

152 Vista aérea sobre o Castelo do Giraldo, relação visual com a cidade de Évora, mosteiros de Santa Catarina de Montemuro e Bom Jesus de Valverde, 2018  
Francisco Brito

153 Fotomontagem | Vista aérea  
Fotomontagem criada pelo autor

154 Fotomontagens | Ambiente interior e cobertura  
Fotomontagens criadas pelo autor

155 Fotomontagem | Ambiente exterior  
Fotomontagem criada pelo autor

156 Fotomontagem | Ambiente interior  
Fotomontagem criada pelo autor

157 Fotomontagem | Vista aérea  
Fotomontagem criada pelo autor

158 Fotomontagem | Miradouro  
Fotomontagem criada pelo autor

159 Fotomontagem | Rota Monástica de Évora  
Fotomontagem criada pelo autor

160 Visita guiada ao Convento do Calvário, Évora 1965.  
David Freitas

#### DESENHOS:

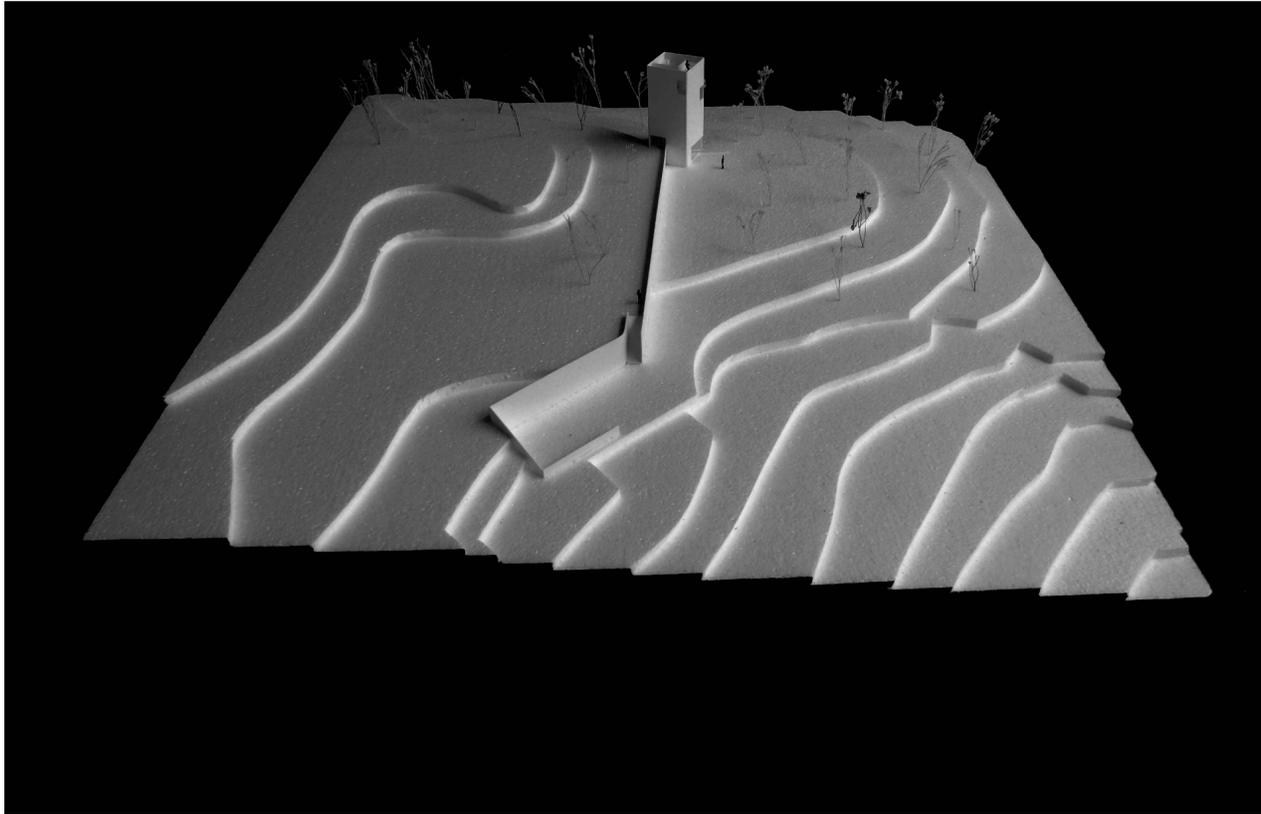
pág. 113 Inventário de extinção do Convento de Santa Catarina de Sena

ANTT | Ministério das Finanças, Convento de Santa Catarina de Sena de Évora, cx. 192

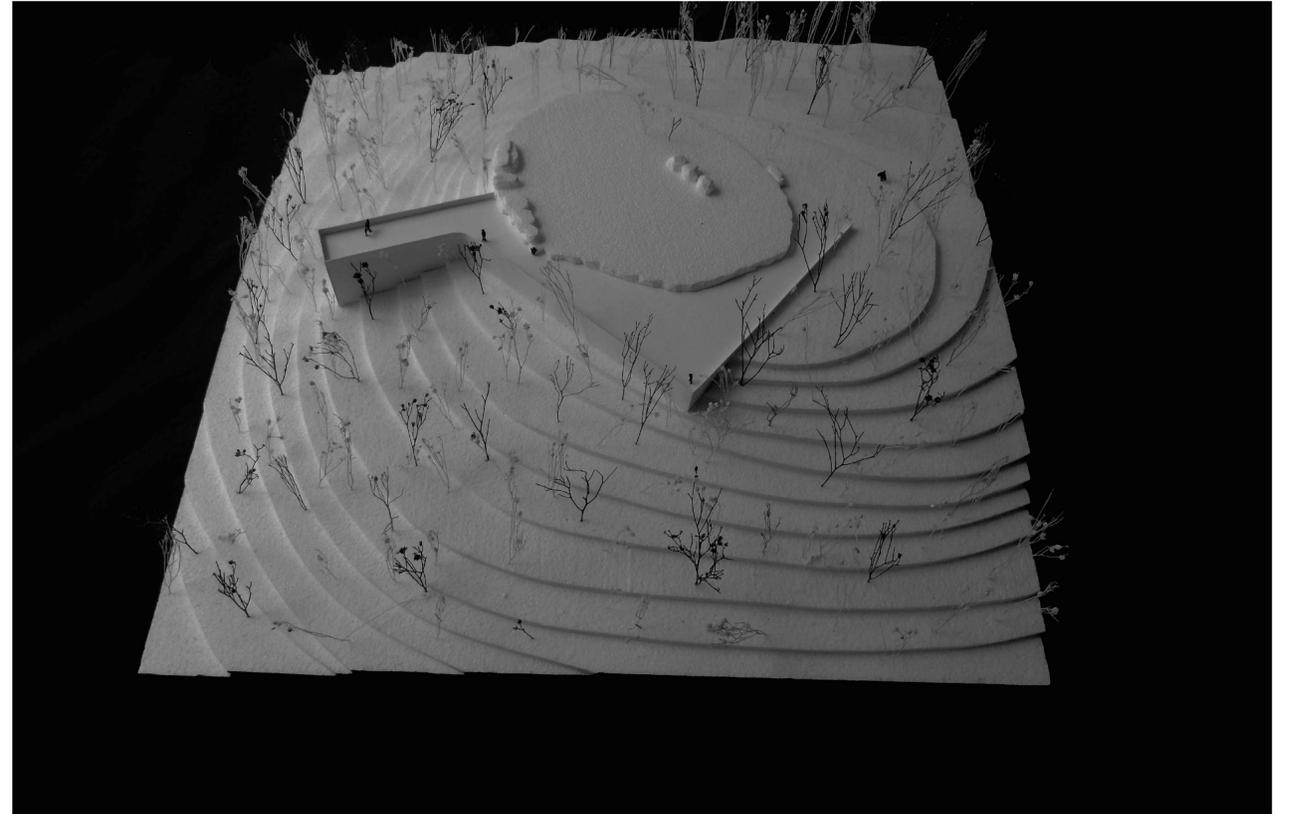
pág.117 Inventário de extinção do Convento de Nossa Senhora do Paraíso

ANTT | Ministério das Finanças, Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora, cx. 1916 e 1917

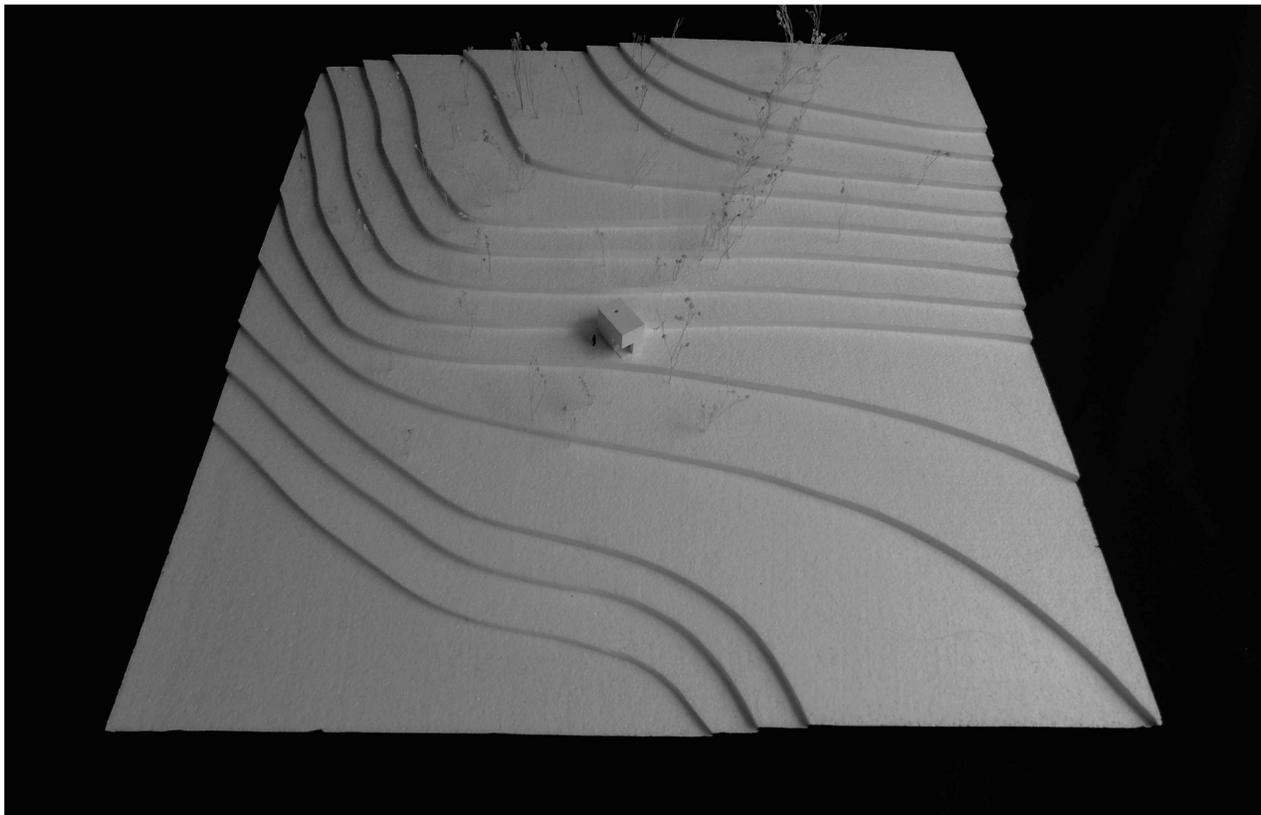
Os restantes desenhos desta dissertação foram realizados pelo autor com base em interpretações provenientes da investigação, cartografia actual e levantamentos *in situ*.



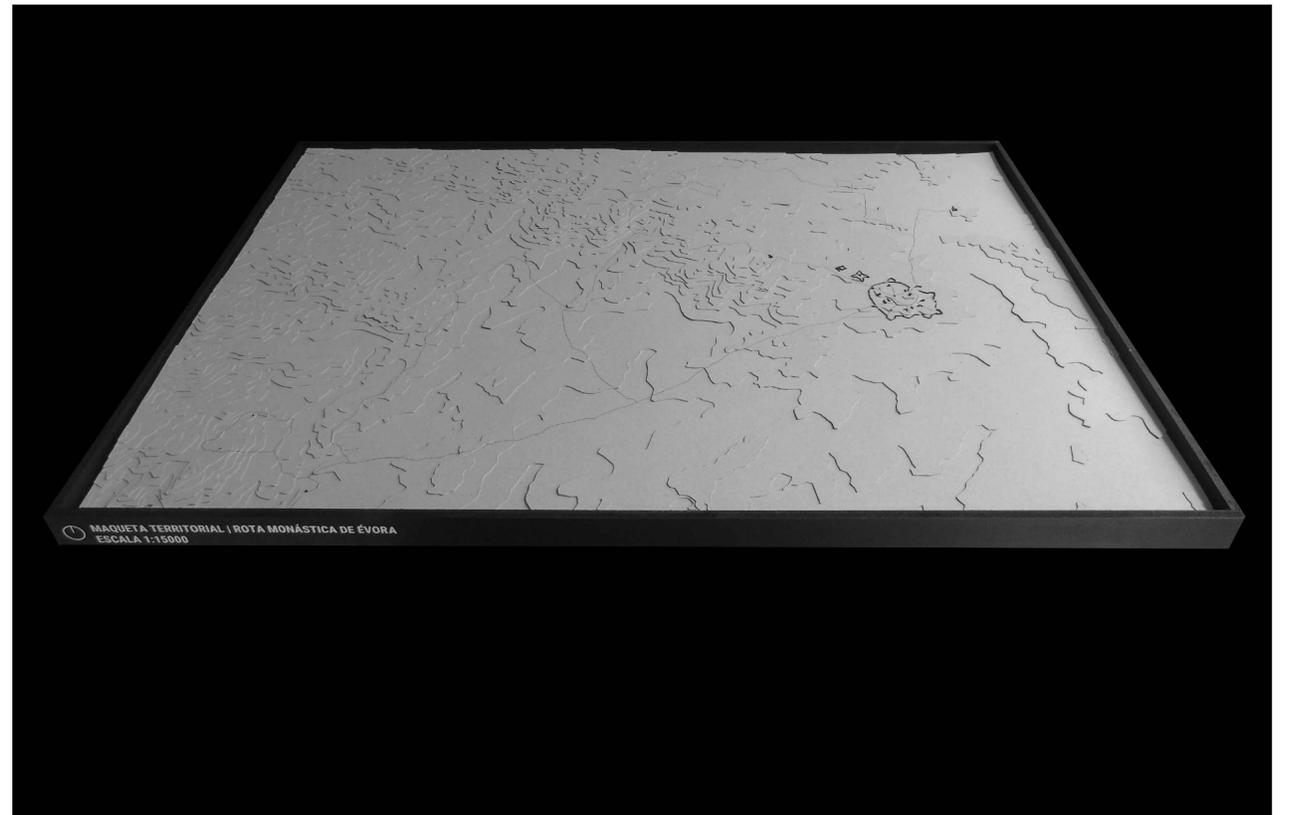
Maqueta | Torre mirante | Alto de São Bento



Maqueta | Miradouro | Castelo do Giraldo



Maqueta | Abrigo | Vale do Aivado



MAQUETA TERRITORIAL | ROTA MONÁSTICA DE ÉVORA  
ESCALA 1:15000

Maqueta territorial

Em memória do Professor Doutor António Borges Abel



# Rede Monástica de Évora: um percurso arquitectónico entre a cidade e o ermo

UNIVERSIDADE DE ÉVORA | ESCOLA DAS ARTES | DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA

MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA | DISSERTAÇÃO

João Manuel Neves Bilou

Orientação:

Professora Doutora Arq.ª Maria do Céu Tereno

Professor Doutor Arq.º António Borges Abel



Évora | 2019